

**O PATRIOTA,**  
**JORNAL LITTERARIO,**  
**POLITICO, MERCANTIL, &c.**  
D O  
**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ameí, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

N. 3.<sup>o</sup>  
**MARÇO.**

---



**RIO DE JANEIRO.**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**  
1 8 1 3.  
*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,  
na rua da Quitanda, n.<sup>o</sup> 34, por 800 reis. Na  
mesma Loja se faz a subscrição a 4000 reis  
por semestre.*





## M E D I C I N A.

*Resposta, que ao Programma da Camara annunciado no N.º 1.º pag. 58., deu o Doutor Antonio Joaquim de Medeiros.*

**E**U bem sei que as molestias não respeitão a idade, ao sexo, e ao lugar da habitação; para qualquer parte, que o homem vá, ali o hão de cercar mil enfermidades até encontrar a morte,

*Optima quæque dies miseris mortalibus ævi  
Prima fugit: subeunt morbi, tristisque senectus,  
Et labor, et duræ rapit inclementia mortis.*

Virgilio.

Porem não he o mesmo habitar huma Cidade sujeita a enfermidades endemicas e a frequentes epidemicas, por causa da sua situação graphica, e má construcção dos edificios, que viver em huma Cidade bem organizada, ventilada dos ventos, e sem immundicia no interior. Os habitantes daquella, além de viverem huma idade menos avançada, são pela maior parte valetudinarios, pelo contrario os moradores desta são mais sadios, e robustos, e mais vividouros. As Cidades, que nós temos no interior do Paiz, confirmão esta minha asserção. Em S. Paulo, em Marianna, e Villa Rica encontra-se hum maior numero de ve-

lhos , que no Rio de Janeiro ; e os filhos de serra acima são mais sadios e robustos que os nacionaes desta terra.

Qual será pois a causa de huma tão grande differença ? Por ventura esta novidade depende das agoas , como vulgarmente se pensa ? Ou he devida a outras causas mais particulares , e susceptiveis de remediar-se com o auxilio de huma mão poderosa ? Este Programa he justamente o que faz o objecto desta memoria. Para não confundir as idéas , e proceder com ordem e clareza , eu hirei respondendo positivamente aos pontos da Proposta da Camara , marcando com numeros á margem para maior brevidade.

I.º As molestias , que mais vulgarmente costumão accontecer aos habitantes do Rio de Janeiro , e que por isso se chamão endemicas , são , as Erisipellas , as doenças de pelle , as Obstruçoens do Fígado , em que , quasi sempre , interessa o Pulmão , conhecidas no Paiz debaixo do nome de Tuberculos ; e finalmente as affecçoens Hemorroidaes. As Erisipellas , a ninguem , nem mesmo aos recém-nascidos , como eu tenho observado , poupão. Rarissimas são as pessoas desta Cidade , que não soffrão insultos erisipellatosos ; e por isso os naturaes do Paiz já não reputão enfermidade a Erisipella. Curão-se com os seus remedios domesticos sem o auxilio da arte : tão vulgar se tem feito esta doença ! Mas a falta de

methodo curativo, e a pouca regularidade e dieta, que os enfermos tem nos seus insultos, derão origem a outra molestia, que ainda se faz mais sensivel aos que habitão este recinto da Cidade: fallo das inchãoens das pernas e dos testiculos. He no Rio de Janeiro, que eu, não sem grande magoa dos meus compatriotas, vim observar até que ponto se pôde distender o tecido cellular pela frouxidão das partes.

Ve-se logo que a Erisipella no Paiz he por todos os titulos temivel, tanto porque frequentes vezes termina pela gangrena e morte, como eu muitas vezes rapidamente tenho observado, como porque, quasi sempre deixa deformidades nas partes affectadas. As molestias de pelle hoje são tão vulgares no Paiz, que com razão podemos affirmar, que são endemicas. As sarnas, as empingens, o escorbuto, e mesmo a elephantiasis, raras vezes se deixão de encontrar nas casas de familias do Rio de Janeiro; principalmente as mulheres são mais sujeitas a affectar-se de enfermidades cutaneas e do escorbuto.

Os tuberculos do Paiz roubão muita gente no Rio de Janeiro. Pôde asseverar-se que a terça parte do Povo perece de tuberculo. Eu tenho observado na minha pratica, que quando entrão a reluzir symptomas de liquido extravasado na cavidade do peito, os enfermos mozem a pezar de se pôrem em pra-

tica os mais heroicos medicamentos, que os celebres praticos apontão nos seus Annaes de Medicina.

As affecçoens hemorroidaes fazem hum grande estrago entre os habitantes do Rio de Janeiro. Os extraordinarios symptómas, que eu encontrava nos Practicos, quando estava na Universidade, sempre me parecerão fabulosos, em quanto mais de perto não os vim observar.

Não sei, que influencia tem o ar, ou os alimentos sobre os vasos hemorroidaes, que ainda os meninos experimentão o mal, que as hemorroidas causão na economia animal.

2.º Ao certo não se pôdem determinar as molestias, que nas diversas estações do anno, e nos differentes annos reinão no Paiz. Os grandes praticos do Norte ficarião confundidos, se viessem ao Rio de Janeiro. Não sómente encontrarião invertidas as estações, e os morbos estacionarios, como acharião enfermidades extravagantes. Se eu não me visse obrigado a limitar o meu discurso ás perguntas, que o Senado pede, era boa occasião para eu traçar huma larga memoria sobre as diversas enfermidades, e o seu methodo curativo, que durante o meu exercicio Medico tenho observado nesta Capitania. Este trabalho ficará, para quando eu tiver mais practica e mais commodidade. Agora, não devendo aberrar do meu objecto, direi sómente, que no Outomno, e Verão reinão as febres biliosas, as disente-

rias, e as bexigas. No Inverno e Primavera as defluxões, as febres catharraes, as hemoptizes, os rheumatismos e os estupores. Nas crianças appareceo o anno passado a cacoluxe, ou tosse convulsiva, pela primeira vez, desconhecida até agora no Brazil.

3.<sup>o</sup> A principal causa das molestias endemicas, e dos máos successos das epidemicas, sem duvida provém da influencia do clima sobre os nossos corpos. *Hypocrates* nos seus aphorismos, secção 3.<sup>a</sup>, já conheceo isto mesmo, quando nos patentea as diversas, e gravissimas enfermidades, que nascem das differentes combinaçoens da atmosphaera. O Rio de Janeiro, huma das mais bellas Cidades da America Portugueza, e ainda de Portugal, tanto pela sua população, como pelo extraordinario commercio e riqueza, que maneja, se faz inhabitavel pelo pestifero ar, que respira o miseravel Povo, humido, e quente. Ainda em os mezes de Inverno, nunca o ar he frio e secco, antes sempre humido. Os antigos lembrarão-se de dizer que as molestias endemicas do Rio de Janeiro erão devidas á agoa, que se bebe, o que he falso, pelas posteriores experiencias, que no tempo do Vice-Rey Vasconcellos se fizerão debaixo da direcção dos mais habeis Philosophos e Medicos.

Quaes serão pois as causas da humidade e da depravação do ar? São muitas, e as principaes vem annunciadas neste mesmo progra-

ma, ao qual eu me refiro. 1.<sup>o</sup> A summa baixaza do pavimento da Cidade relativamente á superficie do mar, que a cerca pelos tres lados de Lest-Sueste, Nordeste, e Nor-Nordeste. 2.<sup>o</sup> A pouca expedição, que tem as agoas da chuva extraordinarias no Estio, e enxugadas então á força do excessivo calor do Sol, mas em muitas partes da Cidade estagnadas, principalmente desde huma rua, chamada a Valla, para o Campo de Santa Anna. 3.<sup>o</sup> Finalmente a pouca circulação do ar pelos edificios e ruas da Cidade muito estreitas relativamente ao grande comprimento, que tem do mar para o campo, onde terminão: são as mais attendiveis causas da humidade e depravação do ar.

4.<sup>o</sup> Pelas experiencias Physicas sabemos, que, quando não ha circulação e expedição no ar, de maneira, que este não se renove por meio do ingresso de outro ar mais puro, e menos phlogisticado, ha de haver calor. Logo o embarço, que fazem á entrada dos quotidianos ventos maritimos ou terraes, que soprão da parte do Nordeste, Norte, e Noroeste, os seis morros, que correm de São Bento até S. Diogo, na direcção de Lest-Nordeste, e á dos vespertinos; ou viraçoens, mais fortes que os primeiros, constantes da parte do Sueste, Sul, e Sudoeste, os morros do Castello, S. Antonio, e Fernando Dias parallellos aos primeiros de sorte, que fica a



Cidade sepultada entre montes, e ao abrigo dos ventos, juntamente com a direcção das ruas, que além de serem muito estreitas e compridas, o Sol penetra os edificios de manhã, e á tarde, fazem a Cidade pouco arejada dos ventos, abafadiça, endemica, epidemica, e incapaz de se poder viver nella. Está em problema, qual das Cidades he mais doentia, se o Rio de Janeiro, ou Angola. Muitos, que viverão nesta sempre sadios, vierão acabar os seus dias miseravelmente no Rio de Janeiro, cheios de mil enfermidades chronicas. A estas urgentissimas causas ainda accresce, 1.º a immundicia, que se encontra no interior da Cidade. 2.º As agoas estagnadas, que apodrecendo pelo grande calor exhalão os mais pestiferos vapores. Sómente os efluvios, que dimanão das agoas enxarcadas, que perennemente existem dentro da Cidade, os vapores, que lanção as immundicia amontoadas nos Largos, e Praças, e o grande fedor, que vem de huma grande Valla, que se abriu para dar escoante ás agoas, mas que serve para despejo dos moradores circumvisinhos, bastarião para fazer o Rio de Janeiro endemico, quanto mais concorrendo outra causa mais poderosa, que as primeiras. O ar humido e quente, que combinando-se com os effluvios das immundicias fica mais alterado, mais corrupto, mais degenerado, e mais capaz de produzir enfermidades.

Os Frades procurarão sitios mais elevados para fundar os seus Conventos. Os Jesuitas no morro mais arejado, e mais prejudicial á Cidade denominado o morro do Castello, ahi fizerão a sua habitação. Os Frades de Santo Antonio situarão-se em outro monte, que não he menos nocivo, que o primeiro. Os Monges Benedictinos fundarão o seu Mosteiro sobre outro morro parallelo ao do Castello, que não he tão prejudicial á Cidade como os dois primeiros. Os Carmelitas, não sei porque destino, ficarão em hum lugar plano e mais ao abrigo das viraçoens. Entretanto não se esquecerão do sitio mais bello, que tem a Cidade para construírem o seu Convento. Ficão em hum grande largo, junto ao Palacio. Por isso naquella Sociedade de homens não se observão tantas enfermidades chronicas, e vivem huma idade mais dilatada.

5.º As causas moraes e dieteticas influem assás para as molestias de Paiz. Os Antigos affirmão que as thísicas, hoje tão frequentes no Rio de Janeiro, rarissimas vezes se observavão, assim como as doenças de pelle. Ora, se nós cavarmos mais no fundo a origem destas enfermidades, acharemos, que quasi todas são complicadas com o vicio venereo. A opulencia desta respeitavel Cidade fez introduzir o luxo, e o luxo a depravação dos costumes, de maneira que dentro da Cidade não faltão casas publicas, onde a mocidade vai es-

tragar a sua saúde, e corromper os costumes de huma boa educação, contrahindo novas enfermidades, e dando causas para outras tantas.

Accresce a vida sedentaria e debochada dos habitantes do Paiz: as mulheres vivem encarceradas dentro em caza, e não fazem o minimo exercicio. (a) Os homens, ainda os Europeos ficão preguiçosos, assim que se estabelecem nesta terra. Bem se vê logo, que o vicio celtico, os continuados deboches de comidas e bebidas, a que são muito entregues os habitantes do Paiz, e a vida frouxa sem algum exercicio, juntamente com as outras causas acima ponderadas, por certo hão de causar tantas enfermidades chronicas, que reinão nesta Cidade.

6.<sup>o</sup> Sobre os meios de obstar a estas causas. Huma das molestias endemicas, que quan-

---

(a) Devemos dizer em abono da verdade, que grande parte das causas, tanto phisicas, como moraes, que este e os outros Medicos tem apontado, como origem das doencas do Rio de Janeiro, se tem desvanecido depois que esta Cidade tem a honra de ser a Corte do Nosso Augusto Soberano, e com muita especialidade as causas moraes; e se temos inserido neste Periodico estes tres pareceres, tem sido para mostrar o acerto das providencias, que se tem dado, e fomentar a esperança de que ellas consigão emendar os erros de huma situação morbifica. *Redactor.*

do reina no Paiz, rouba ao Estado milhares de habitantes he sem duvida a das bexigas. Quasi sempre se communica pelo contagio dos escravos recém trazidos da Africa. O anno passado foi o virus varioloso tão pestifero, que apesar das mais sabias vigilancias dos grandes Medicos, que temos nesta terra, e manejado o seu tratamento, segundo prescrevem os maiores practicos nas epidemias de bexigas, morrerão, fazendo o calculo muito favoravel, dois terços dos enfermõs variolosos. E quanto não perdeo o Estado, não sómente com a diminuição da População, como da Agricultura? . . . He para lamentar a fadiga de hum pobre lavrador, que á custa de seu suor ajunta huma avultada somma de dinheiro, com que compra hum escravo para o ajudar, e passados dias o vê expirar de bexigas, por dolo e malicia do vendedor, que o enganou, dizendo, quando o ajustou, que já as tivera em pequeno na sua terra. Hum Hospital de Inoculação estabelecido com o mesmo regulamento, que o de Lisboa, que, além das pessoas inoculadas, fossem tambem os escravos obrigados com pena de serem confiscados, para a Fazenda Real os que dolosamente fossem vendidos antes da Inoculação, seria o meio mais seguro de se poupar ao Estado tantos milhares de habitantes, que morrem de bexigas. Quanto ás molestias endemicas, sómente a Mão Poderosa da Nossa Augusta Soberana,

poderia de huma vez arrancar as principaes causas das entermidades endemicas do Rio de Janeiro. O calor, e humidade da atmosphera

- 1.º Ordenando, que se arrazasse o morro do Castello, e o de Santo Antonio, ficando por muita equidade sómente intacto o lugar do Convento. Por este meio se entulharião os charcos, e lugares baixos, que ficão da rua da Valla, para o Campo de S. Domingos, e o ar circularia mais facilmente pelo interior da Cidade, não havendo mais aquelles dois obstaculos, dando aos Habitantes mais bella viração, para equilibrar o excessivo calor, que faz nos mezes do Estio. Bem vejo, que se lançava por terra o Hospital Militar e alguns outros edificios insignificantes; porém Sua Magestade podia supprir esta falta, servindo se para accommodar a sua Tropa de hum soberbo Hospital, que a vaidade dos Irmãos Confrades de S. Antonio fez levantar para estar vasio e sem doentes. Talvez a nossa Imperante ficasse mais bem servida por ficar este hospital mais ao abrigo dos ventos, e mais perto da agoa e do açougue.
- 2.º Mandando, que se intime ao Povo por parte do Senado, que ninguem para o futuro construa cazas, sem que o engenheiro, que a Camara tiver convidado, tenha examinado o risco, e regulado a altura do pavimento.
- 3.º Que se consinta haver no interior da Cidade mais praças espasosas para que o ar mais facilmente se torne

dephlogisticado, e ventile pelas ruas; e que estas á proporção sejam mais largas.

He preciso que da parte dos Almotaceis haja huma grande vigilancia, para que dentro da Cidade não consintão imundicias, principalmente nas praças publicas e nos lugares, que ainda se achão devolutos sem cazas, onde os moradores visinhos fazem a diaria limpeza. 5.<sup>o</sup> He da primeira necessidade, que se dem as ultimas providencias, para se seccar, não sómente as agoas da chuva, que se achão reprezadas dentro da Cidade, e sem expedição para o mar, como as agoas estagnadas pelas grandes marés nos arrabaldes da Cidade. Por quanto, não sómente resultaria ao Povo a destruição de huma causa constante e poderosa das enfermidades do Paiz, como diz o grande Cullen a respeito dos lugares pantanosos, fermento de febres podres e intermittentes; senão que aproveitaria mais esse terreno inculto e sem valia, quer para as casas, quer para a lavoura: o Povo vai crescendo consideravelmente, e entretanto não tem a Cidade lugar para onde se estenda, que não seja pantanoso. Hum particular não pôde com as despezas de huma propriedade de casas levantadas nestes sitios pelo grande atterro, que precisa fazer, o que não aconteceria, se o Publico, cujas forças são demasiadamente superiores ás dos particulares, tivesse de antemão feito enxugar, e aterrar

todos estes lugares. 6.º He da primeira importancia que o Senado desta Cidade tenha o maior cuidado sobre o gado que se mata. He impossivel, que multiplicados animaes prezos dentro de hum pequeno curral, expostos ao grande calor do Sol, privados inteiramente de comer e beber por espaço de sete dias, que no fim deste tempo não estejam quasi damnados. Por isso os habitantes fogem á carne, que não pôde deixar de ser nociva á saude pelas razoens acima expendidas: procurão remediar este mal, alimentando-se do peixe, que ainda he mais prejudicial, não sómente pelo excessivo uso, que fazem d'elle, como porque em geral a comida do peixe predispõe aos que uzão d'elle, para serem atacados de enfermidades cutaneas e do escorbuto, segundo a opinião dos melhores Practicos. Hum pasto destinado para o gado, que se houvesse de matar aquelle mez, d'onde viessem diariamente para o curral do Açougue as cabeças, que servissem para o consumo do Povo, era a melhor providencia, que a Camara podia dar; para haver boa vaca no Rio de Janeiro, e talvez para livrar aos habitantes de algumas febres, que se gerão da carne inficionada, que se compra nos açougues publicos da Cidade. A empreza parecerá ardua, e difficultosa, porém nada he impossivel aos homens, principalmente quando são conduzidos por conselho sabio e prudente.

Rio de Janeiro 3 de Dezembro de 1798.

## B O T A N I C A .

**A** Chando-me prisioneiro de Guerra na Ilha de França em 1808, tratei de negociar, e effectuei, com aquelle Governo o meu resgate, e o de todos os nossos compatriotas, ao numero de duzentos, que alli tambem se achavão na mesma desgraça, prospectando ao mesmo tempo roubar áquella Colonia, para enriquecer este Estado, parte das preciosidades, com as quaes Mrs. de Poivre, e Menonville, em 1770, tanto a tinham illustrado: o projecto foi temerario, vistas as circumstancias em que me achava, e o resultado o mais feliz, pois que conseguí substrahir do Jardim Real hum grande numero de arvores de especiaría, e de sementes exoticas, não sem muito trabalho, risco, e despezas, porém quando se trata de prosperar a Patria, preenchendo os Augustos, Magnanimos, e Providentes Sentimentos do Melhor dos Principes, tudo se arrosta.

Em Julho de 1809 entrei nesta Capital, e dei parte a S. A. R. da minha aquisição, e me foi ordenado, por Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, que as distribuisse dando huma porção á Real Junta do Commercio, e o restante ao Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General Carlos Antonio Nacion. A Real Junta do



Commercio, por Carta de 28 de Julho de 1812, me fez a honra de mandar participar que em Sessão de 9 de Setembro de 1809 tinha deliberado se me conferisse hum medalha de ouro em testemunho do meu zelo, e Patriotismo, acompanhada de hum Carta, em que no Real Nome do Principe Regente Nosso Senhor se me agradecesse hum tão importante serviço. E desejando eu saber o estado, e o progresso actual da minha aquisição, pedi ao sobredito Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General me mandasse passar hum attestação do constante, o qual me fez a honra de mandar a relação, que junta remetto, e ignoro o estado das que entreguei á disposição da Real Junta do Commercio, como tambem o de algumas, que dei aos Illustrissimos e Excellentissimos Conde dos Arcos, e defunto Conde d'Anadia, ao Intendente da Marinha, e ao Doutor Arruda.

Tenho toda a certeza que V. não pôde deixar de dar hum distincto lugar no seu Periodico á mencionada relação, omittindo-lhe as lisonjeiras expressoens, que a meu respeito expende o habil Author della, e incansavel Cultor das referidas Plantas.

Tambem julgo dever participar-lhe, para que conste, que pedindo eu ao meu particular amigo Rafael Bottado de Almeida, Senador de Macáo, me remetteste as sementes dos arbustos do Cha, elle me mandou o anno pro-

ximo passado hum grande numero dellas, as quaes distribuí, dando-as ao referido Illustrissimo e Excellentissimo Tenente General, ao Deputado da Real Junta do Commercio José Caetano Gomes, e a varios particulares; e, vi os dias passados em casa do Doutor Jacinto José da Silva Quintão tres pequenos arbustos provenientes das ditas sementes, que promettem prosperar, e ignoro se existem mais alguns em outra parte.

Devo de justiça mencionar o quanto contribuirão para o bom exito de huma tão interessante aquisição para este Estado, as diligencias, segredo, e dinheiros do referido Rafael Bottado de Almeida, de Francisco João da Graça, Religiozo da 3.<sup>a</sup> Ordem, e de Antonio José de Figueiredo, Cirurgião de embarque; os nomes destes tres bons Portuguezes são dignos de passarem á posteridade, não só pelo expellido, mas por outros muitos factos Patrioticos por elles praticados naquella Colonia durante a nossa prizão.

He com toda a consideração seu affectuoso e muito obrigado amigo

Rio de Janeiro em 4 de Março de 1813.

*Luiz d'Abreu.*

**T**Endo mandado informar sobre o requerimento incluso, do Chefe de Divisão Luiz de Abreu, o meu Ajudante e Vice-Inspector da Real Fabrica da polvora, João Gomes da Silveira, o mesmo me mandou a relação, que aqui vai junta, com a qual inteiramente me conformo. Rio de Janeiro em 20 de Agosto de 1812. — Carlos Antonio Napion.

*Relação das Plantas exóticas e de especia-  
rias, cultivadas no Real Jardim da Lagoa de  
Freitas, e transportadas da Ilha de França,  
pelo Chefe de Divisão Luiz d'Abreu.*

- 4 *Moscadeiras.* Myristica Officinalis, Lin. —  
Existem duas, que crescem vigorosamente, e atingem já quasi a altura de hum homem: apresentam huma ligeira differença no habito externo da folhagem, talvez porque sejam de diverso sexo, o que seria muito a desejar para a sua fecundidade.
- 4 *Camphoreiras.* Laurus Camphora. Lin. —  
Salvarão-se duas, que tem crescido prodigiosamente, e tem já dezoito palmos de altura, e mais de vinte e cinco de roda. Tem-se prestado facilmente ao processo da mergulhia, pelo qual já ha mais de anno se separou huma linda arvoreta, que cresce vigorosissima; e agora espero

separar huma numerosa quantidade, já bem arraigadas. Daqui se vê a facilidade da sua propagação independentemente de sementes. Parece que estão no seu clima natalicio.

- 4 *Abacates*. *Laurus Persia*, Lin. — Salvarão-se tres, que estão muito frondosas, e de altura de dezeseis a dezoito palmos. Desta ha já doze mergulhias em estado de se separarem.
- 2 *Litchis*. *Euphoria Litchi*, Lin. — Vierão debaixo deste nome dous pequenos troncos, dos quaes sómente hum vingou: conheceu-se não ser o Litchi; mas ficou incognito até que floreceu, e reconheci ser o Mamei das Antilhas, *Mamea Americana* de Lin., a que os Francezes chamão Abricot de S. Domingos. Está carregado de flores e fructos; e ha trez mergulhias em estado de se separarem.
- 2 *Mangueiras*. Os dous pequenos troncos, que chegarão com este nome, ambos vingarão, mas ainda não florecerão, e delles hum tem alguma analogia com as Mangueiras; mas quando o seja, certamente he especie differente da ordinaria. He maravilhosa a facilidade, com que se arraigão as mergulhias, das quaes ha bastantes neste individuo. O outro he planta diversa, e parece ser huma especie de *Annona*, a que os Francezes chamão Co-

- rosal ; cujo fructo diz-se ser muito superior á fructa de Conde.
- 4 *Cravos da India.* Caryophyllus aromaticus, Lin — Salvarão-se apenas dous, que crescem lentamente. He planta extremamente delicada, e parece que o clima lhe he pouco favoravel ; pois que das sementes que chegarão, e huma numerosa quantidade de plantas, que desta remessa se repartirão para diferentes partes, nada existe senão os dous, que se salvarão á custa de desvelos, e canceiras indiziveis.
- 3 *Caneleiras.* Laurus Cinnamomum, Lin. — Existe huma linda arvoreta, já de altura de hum homem.
- 10 *Toranjeiras.* Citrus Decumana, Lin. — Existem todas, e mais algumas que nascerão ao depois, e ao todo são 18.
- Semente de Sagú, Saboeiras, Arvore de pão, Areca.* Destas nenhuma nasceu, á excepção de huma formosa arvoreta de dezeseis palmos de alto, e huma mergulhia já arraigada. Está incognita por não ter florecido. Igualmente de outras quatro sementes, que me parecerão do genero Spondias —, existem quatro arvores, já de dezeseis a vinte palmos de alto ; não florecerão, e por tanto não se conhecem.
- Arvore de Carvão.* Das sementes que se semeárão existem 170 pés ; dos quaes huma grande parte já deu flores e fructos, e

por elles púde conhecer, que he a *Mimososa Especiosa* de Lin. -, que os Francezes, pelo seu prompto crescimento, e elegancia do seu porte, verdor e persistencia da sua folhagem, cultiváo na Ilha de França para ornamento dos jardins, e bordadura das álas; e dos ramos que decotáo annualmente, fazem o carvão para a polvora, que alli fabricáo; e lhe dão o nome de *Bois noir*. - As abelhas devoráo ávidamente a casca dos troncos, dos quaes corre huma copiosa quantidade de goma, que ellas recolhem igualmente.

Tal he o numero, qualidade, e estado em que se acháo as plantas que couberáo em partilha ao jardim deste estabelecimento; e ignoro o destino de huma boa porção desta collecção, que se distribuiu para differentes partes. Quanto ás que aqui se acháo, o seu crescimento progressivo, e multiplicação já bem avançada por mergulhias, e ao depois por sementes, seguraráo para sempre ao Estado do Brazil a possessão desta preciosa aquisição, conquistada sobre a vigilancia dos Francezes, pelo denodado zelo e patriotismo de hum prisioneiro Portuguez. O atrevimento de huma tal empresa, e em semelhantes circumstancias, constituem a *Luiz d'Abreu* benemerito da Patria; e o seu nome, rival ou superior na gloria aos *Poivres*, e *Menonvilles*, passará á posteridade, eternisado na duração des-

tas especies, que primeiro introduzira, e que perpetuadas pela successão de seus individuos, serão hum dia outros tantos monumentos, que conservarão indelevel a memoria deste feito, verdadeiramente digno da antiga gloria, valor e patriotismo Portuguez. Lagoa de Freitas 30 de Julho de 1812.

*João Gomes da Silveira Mendonça.*

---

*Memoria sobre a abertura de huma estrada de comunicação, entre a Capitania de Santa Catharina e a Villa de Lagens, e estabelecimento de huma Freguezia no Sertão da terra firme da mesma Capitania. Por Silvestre José dos Passos.*

**H**A muito tempo que me acompanhão ardentes desejos de fallar sobre hum objecto, que muito me lisongêa; e o não tenho feito, receando alguma mal entendida emulação, filha do egoismo, que he mais pernicioso no Corpo da Nação, do que a maligna epidemia; agora porém estimulado pelo convite do Redactor deste periodico, no seu prospecto, pondo de parte os meus escrupulos, tratarei succintamente o meu interessante assumpto, o qual se reduz a huma exposição sincera

e verdadeira dos meios de fazer prosperar esta importante Colonia, e consequentemente o interesse do Estado.

São passados 24 annos que o Sertão da terra firme foi penetrado com huma estrada, a communicar-se com a Villa de Lagens, em cuja abertura dispendeu esta Camara 24 mil cruzados; e como daqui se originasse hum ramo de commercio entre esta Colonia e aquella Villa, tentou o Governador, que então era desta Capitania, José Pereira Pinto, estabelecer duas Freguezias; a I. no local denominado Quilombo-grande, e a II. na varzea e margem do rio Garcia.

A tempo que elle Governador tinha traçado o seu plano para a criação daquellas freguezias, e arranjo de seus habitantes, foi deposto do Governo; e por tanto se estagnou inteiramente aquelle ramo, e a communicação com aquella Villa, ficando a importante estrada inutil, em breve extincta, e aquella despesa infructifera.

Vendo-me eu opprimido com o pezo da minha familia, tomei o expediente de comprar certa porção de terra naquella estrada, e sitio, onde se tinha projectado a primeira freguezia, e ahi me acho estabelecido, cultivando mandioca, arrós, e outros generos; criando gados em pastos agricultados, e abrindo nova estrada á minha custa, até aos primeiros moradores, que me ficão na sahida da



freguezia de S. José, para onde faço as minhas conducções, sem arrimo nem auxilio algum, mais que a minha industria e fracas forças. Ommittindo os avantajados passos, que hei dado em bem dos meus semelhantes, e proveito do Estado, direi sómente, que pretendendo animar a agricultura, e reduzir alguns habitadores para a minha vizinhança, cheguei a ponto, afim de suavisar-lhes esta habitação, de fazer conduzir para aqui alguns peixes de agoa doce, os quaes tem propagado em algumas pequenas lagôas; e neste rio denominado Moruhí. Porém nada disto tem bastado para se animarem, por lhes faltar o pasto espiritual, e muito mais os desalenta a falta da estrada, por onde lhes vinhão muitos meios para a sua manutenção; como fossem as transacções, que fazião com os tropeiros, dando a estes os seus effeitos pelo equivalente de seus gados, &c. Ora, sendo de summa importancia a povoação do Continente, já se vê de quanta utilidade será a reabertura da estrada, e creação de huma freguezia. Intimamente convencido desta verdade, eu me abalanço a apontar os suaves e economicos meios, porque se podem conseguir estes dous interessantes fins.

Entre a Villa de Lagens, e a freguezia de S. José desta Capitania, ha huma distancia de 32 legoas, sendo as que vão da dita freguezia á Guarda, que se abandonou, denomi-

nada do Trombudo. Destas 16 legoas, são 7, que vão da mesma freguezia ao rio Garcia, cujo terreno está todo concedido por sesmarias; porém só cultivadas  $3\frac{1}{2}$  legoas, que vão do meu estabelecimento até à dita freguezia; e 9 de terreno devoluto, que se segue do rio Garcia até ao Trombudo; e aqui faz esta Capitania o seu limite com a de S. Paulo. Para a reabertura destas 9 legoas de estrada, será pois necessario:

1.º Quarenta homens de serviço, que podem ser 10 escravos do contracto das balêas, 10 soldados dos addicionados às madeiras do Almirantado, e 20 do Corpo das Ordenanças.

2.º Que o Arinazem Real supra com 20 fouches, 20 machados, 15 enxadas, e 5 marmitas.

3.º Que a Real Fazenda assista com 120 alqueires de farinha, 10 ditos de feijão, e 4 ditos de sal; 8 medidas de agoa ardente, 25 novilhos tirados das Estancias Reaes do Rio Grande, cartuxame embalado para 20 armas, e 500\$ reis de ajuda de custo para o Official encarregado desta diligencia.

Esta modica despeza será em breve recuperada com excesso, pelo imposto sobre o gado vacum e cavallar, que passar pelo registro, que se deve estabelecer; o qual, a exemplo dos mais, principiando por huma arrematação de pouca monta, virá pelo decurso dos tempos a chegar a grande rendimento.

Para a creação da primeira freguezia he preciso:

1.º Que de cada huma das freguezias, Villa do Desterro, Necessidades, Lagôa, Ribeirão, Enseada de Brito, S. José, e S. Miguel, se tirem 5. casas, (além dos casaes Hespanhoes, que por aqui se achão mendigando sem arrimo) dos mais necessitados de terrenos para a cultura; e que além destes se consintão todos os mais, que voluntariamente se quizerem alli estabelecer; prodigando-se em favor de todos, as Graças, e Magnanima Beneficencia de S. A. R., como seja, concedendo-se-lhes hum privilegio, que exima seus filhos da praça até a idade de vinte annos.

2.º Que S. A. R. conceda terrenos mais avantajados áquelles, que mais se distinguirem na lavoura.

3.º Que sejam distribuidas pelos novos habitantes as terras, que se achão concedidas, e não cultivadas por omissão e negligencia; e que estes colonos sejam igualmente assistidos de remedios para seus curativos, por tempo de hum anno.

4.º Que se construa a Igreja para o Culto Divino, de páo a pique, e coberta de palha, para os primeiros preludios, á exemplo das princiras, que nesta Colonia se edificarão por ordem Regia; (ainda que neste lugar fiz eu telha para cobrir as casas da minha vivenda), e que os Sagrados Vasos e

Ornamentos se tirem das Parochias acima ditas, sem que para isso se faça a menor despeza, na conformidade do plano do Governador José Pereira Pinto.

5.<sup>o</sup> Que o Parocho seja pago pela Real Fazenda, cuja despeza será compensada pelos dizimos dos novos habitantes.

Para indicar agora outras vantagens, que resultão do restabelecimento daquella estrada, he necessario, que eu dê ao mesmo tempo huma idéa succinta de alguns campos e particularidades deste Sertão. Nelle se achão os campos chamados da Boa-Vista, aonde (tendo nisto pouca parte a industria) se crião mil rezes. Na visinhança destes campos houve huma Guarda desta Capitania, a qual foi por tres vezes atacada pelos Indios Bugres, e depois abandonada. Esta Guarda foi collocada no desembocadouro de hum desfiladeiro, que descobrirão bons e veteranos Sertanejos, tão escabroso e profundo, que as suas ingremes bordas, ou paredoens, excedem a mais de 50 covados de altura; o qual só pôde ser penetrado por aquelle portão, fecho segurissimo daquella estrada. Ao Sul deste campo fica outro denominado os Pinheirinhos, aonde se crião 500 rezes; e outro que chamão o Bom retiro, onde se crião algumas mil. Este campo, que fica proximo á Guarda do Trombudo, he de Francisco Antonio Fernandes, desta Ilha, o qual estando ahi principiando estabele-

cimento e criação de gados, forão seus trabalhos inutilizados pelos Bugres. Além destes, ha outros campos, que ficão a S O do rio Cubatão, que me affirmão terem 2 ou 3 legoas de extensão. Destes e outros campos podem descer tropas de gado, com 4, 6, e 8 dias de viagem, para suprir as faltas, que actualmente se experimentão de gados vindos do Rio Grande.

Neste Sertão ha o cravo da India, de que remetto folhas e fruto; o qual se se cultivasse, poderia vir a ser hum interessante artigo de commercio. Igualmente se encontra nelle, outro genero, que aqui corre a 800 reis o alqueire, vindo de Parnaguá, á que os naturaes do paiz chamão Mate ou Congonha, e que em Monte Video, e Buenos Ayres se reputa a 5 e 6 mil reis a arroba.

Ha tambem neste Sertão algumas agoas, cuja analyse seria muito para desejar, e talvez de bastante utilidade: tal he a que eu observei em hum corrego na varzea dos Pinheiros, pela sua particularidade de morna; como tambem huns olhos ou nascentes, que sei de boa parte haver nas margens do rio Cubatão; donde mana agoa em hum tal grão de calor, que não pôde suportar-se por muito tempo hum pé mergulhado no borbotão.

Finalmente, he de summa importancia o restabelecimento da estrada, para se penetrar este riquissimo Sertão, e fazer nelle exames

metallurgicos, e outras muitas indagações; com ella se obvião tambem as incursões e insultos dos Bugres, sendo certo, que só depois do seu abandono foi por elles debatida aquella Guarda, e acomettidos alguns habitantes do rio Tubarão, perecendo alguns ás mãos destes barbaros, e servindo estes factos de atterrar e affugentar outros Colonos. Ha poucos mezes, que nas vizinhanças de Hetapacroya apparecerão estes Indios, e forão victimas da sua brutal crueldade hum homem, duas mulheres, e dous meninos.

Não posso deixar em silencio o abuso em que estão algumas pessoas, que imaginão não será util o restabelecimento da estrada, por ficar Missões tão proximo a Lagens, que com tres dias de viagem se avança aos primeiros povos; eu não duvido dessa pouca distancia; mas me persuado, que este mesmo motivo concorre para a sua reabertura; por quanto, de mutuamente se communicarem as povoações, lhe resultão innegaveis interesses.

He tambem esta estrada de muita importancia em tempo de guerra, pela necessidade que a Ilha tem da apoio da terra firme, sem o qual não poderá manter-se; como succedeo quando ella foi invadida pelos Hespanhoes. A defensão desta estrada já vimos ser mui facil, pelo seguro fecho de portão da Boa-Vista.

Esta Capitania não poderá prosperar, em

quanto se não ministrarem os soccorros necessários, e distribuirem, segundo a Mente do Soberano, os terrenos concedidos, e não cultivados, ao grande numero de lavradores, que aqui se achão entretenidos, com 10, 20, e menos braças de terreno, e outros sem hum só palmo; e alguns carregados de filhos; nascendo os vicios e a discordia por effeitos da oppressão, em que vivem. Eu me não alargo a outros objectos, para que não pareça excessivo, deixando-os para serem tratados por outros mais noticiosos; e só me fica o pesar de me faltarem os termos proprios, e huma enunciação eloquente; porém eu não exijo mais do que a gloria de Patriota, e do Redactor as instrucções de que necessito; ficando elle na certeza; de que me não dispensarei de ser util ao Estado em occasião opportuna.

*Silvestre José dos Passos.*

*Memoria sobre as novas fomalhas para cozer o assucar com o bagaço, inventadas pelo Doutor Manoel Jacinto de Almeida. Por Fr. Archangelo de Ancona, Missionario Apostolico.*

**H**A já quatro annos, que alguns Senhores de Engenho principiárão a fazer uso das chamadas Novas Fornalhas, para o fabrico do assucar, inventadas pelo benemerito Dr. Manoel Jacinto de Almeida, existente na Villa da Caxoeira, que depois de quatorze annos de improbo trabalho, e continuadas experiencias, feitas por elle mesmo em o seu Engenho, perdendo nesse extenso decurso de tempo quasi todas as safras, conseguiu finalmente aperfeiçoa-las, produzindo o intentado effeito, que he fazer ferver as caldeiras com a simples chamma do bagaço secco da mesma cana, com grande utilidade dos fabricantes de assucar. Não me consta porém, que a huma invenção como esta de incalculavel vantagem para todo o Brazil, tenha havido até agora quem fizesse, com a publica impressão, o elogio devido, e com a incontrastavel razão da experiencia afervorasse, e estimulasse em geral os Senhores de Engenho, á aproveitarem-se de huma utilidade tão grande. Mas, por lastima e infelicidade, he tal a ignorancia e a obstinação da maior parte delles, que



habituaados a viver nas treyas mais espessas, ainda quando o sol está no seu zenith, fechão de proposito os olhos, para continuarem a gozar da triste escuridão em que nascerão. Sim, muitos, com grave injuria da rasão, dizem em ar Catonico e decisivo: „ Que já „ em outros tempos se tentárão inventos se- „ melhantes; que estas innovaçoes são pe- „ tas, e que nunca provárão bem; que por „ tanto elles querem continuar a fabricar o „ assucar como aprenderão: „ e com isto dão já por impossivel todo o augmento de perfei- ção, e melhoramento de qualquer machina. Outros porém, que eu julgo ainda mais ce- gos, convencidos pelo facto, sendo testemu- nhas do bom effeito, que produzião as novas fornalhas, tendo hido de proposito vê-las na- quelles Engenhos, que actualmente se servião dellas, resolverão-se a manda-las fazer; co- mo porém tiverão a desgraça de não conse- guirem o bom effeito desejado, mandarão lo- go desmancha-las, e tornarão á antiga roti- na, attribuindo erradamente a defeito essencial das fornalhas, o que era tão sómente defeito de construcção. Que miseria! Nem ao menos são capazes de fazer este obvio raciocinio: se o defeito he essencialmente inherente á in- venção das fornalhas, cntão em parte nenhu- ma produzirão ellas o effeito promettido: mas, vendo-se que em varios Engenhos produzem constantemente de quatro annos a esta parte,

o effeito desejado , segue-se , que a falta he dos executores , e não das fornalhas.

Ao contrario , os que tiverão a sorte de ficarem as suas fornalhas bem fabricadas , são taes e tantas as vantagens , que utilisão por seu meio , que nunca cessão de prodigalisar com enthusiasmada alegria , os maiores elogios e agradecimentos , ao inventor dellas. Hum destes , que he o Ex-Corregedor Francisco Vicente Vianna , diz publicamente a todos : Que com estas novas fornalhas , que mandou fazer nos seus Engenhos , ganha , feitas as contas , seis a sete mil cruzados em cada anno ; pois tal era a despesa , que se via obrigado a fazer em cada safra , para cozinhar o assucar com lenhas. Ora , nos tempos presentes , em que os assucares estão em huma baixa tão grande por falta de extracção , a diminuição de seis a sete mil cruzados , he já hum grande ganho , e á vista disto , os que teimosa e ignorantemente não querem servir-se dellas , não mostrão a mais irracional contumacia ?

As utilidades pois das ditas fornalhas , que eu presenciei pessoalmente em hum Engenho , são as seguintes.

1.<sup>a</sup> Fervem-se as caldeiras com o simples bagaço da cana , e isto no tempo breve de duas horas ; emquanto com as fornalhas antigas , se precisava de seis e sete horas , não obstante a grande quantidade de lenhas grossas. Esta promptidão e brevidade , he causa de

muitas vezes descançarem os addidos ao fabrico, e estarem as fornalhas apagadas; por não chegar o Engenho a supprir com a calda necessaria e continuada.

2.<sup>a</sup> Menor despesa e precisão de escravos; podendo ser dispensados, ou mais utilmente empregados na lavoura, aquelles que todo o anno devião ser empregados nos córtes das lenhas nas matas.

3.<sup>a</sup> Necessidade nenhuma de bois pelo que respeita á conducção das lenhas. Isto produz grande lucro, pela multidão que destes animaes morria nas ditas conducçoens, em rasão dos máos caminhos.

4.<sup>a</sup> Ficar livre da não pequena despesa dos carros para a conducção das mesmas lenhas, em que tanto se quebravão e perdião.

5.<sup>a</sup> Passar sem a despesa das muitas ferramentas necessarias para os cortes.

6.<sup>a</sup> A cessação do salario de hum feitor, destinado á dirigir os negros applicados nos cortes.

7.<sup>a</sup> Ser sufficiente hum só negro para lançar o bagaço dentro da fornalha; em quanto nas antigas se precisava de tres ou quatro para empurrarem e introduzirem na fornalha os grossos troncos.

8.<sup>a</sup> Não ficar sujeito o dito escravo ás molestias plethoricas, que de ordinario adquirem, os que estão empregados na manutenção do fogo de grandes fornalhas, e a razão

he , porque , ficando o conductor do ar poucas polegadas no interior da boca da fornalha , segue-se , que quando se esteja mesmo encostado a esta boca , se sentirá mais depressa fresco do que calor , e nas fornalhas antigas devia-se estar mui longe dellas , pelo grande abafamento , que produzião no ambiente exterior.

Estas são as principaes utilidades das novas fornalhas ; mas , além destas , o mesmo Doutor Manoel Jacinto fez outros inventos , para diminuir e suavisar o trabalho dos fabricantes. Taes são :

1.º Purgar o assucar sem precisão da chamada Adagoada , que requeria não pouco tempo e trabalho , pois com o çumo de qualquer qualidade de hervas do campo , com tanto porém que sejam mucilaginosas , fica o assucar muito bem purgado.

2.º Bater horizontalmente o assucar depois de fervido. Para isso ideou elle hum cilindro , armado de quatro raios planos do comprimento , pouco mais ou menos , de quatro palmos sobre hum de largura , os quaes sahem em proporcionada distancia do centro do mesmo cilindro. Este está colocado sobre dois eixos polares , com hum manipulo fora de hum dellas ; e fazendo-se girar o cilindro horizontalmente , os quatro raios , ou espatulas , que fórmão os batedores , reduzem o assucar ao ponto preciso com o seu movimento

circular. Este trabalho pôde ser executado até por hum rapaz de quatorze ou quinze annos. Ao contrario, com o uso antigo, havia mister de hum negro bem robusto, para poder levantar o colherão de cobre, e deixar cahir a calda de alto; o que prejudicava muito ao peito do trabalhador.

3.<sup>o</sup> Inventou de mais duas pequenas taboas, que postas verticalmente aos lados, direito e esquerdo, das moendas, por onde se espalhão as canas já fracturadas, mas que devem novamente passar pela moagem, a fim de serem bem espremidas, servem' então de reparo para que se não espalhem; e ao mesmo tempo, com outra taboinha empurrando para dentro das moendas as ditas canas fracturadas, livra deste modo os trabalhadores de as impellirem com as mãos; o que frequentemente produzia o effeito lastimoso de ficar algum delles com as mãos e braços esmagados entre as moendas, de que vinhão a morrer, ou pelo menos a serem amputados.

Eis de quanto são devedores os fabricantes de assucar a este tão benemerito inventor, o qual continúa a fazer novas experiencias para novas descobertas. Mas, além destas utilidades, que eu chamo immediatas ao invento, seguem-se agora outras, que chama-rei mediatas, e que vem a ser:

1.<sup>a</sup> Que visto cozinhar-se o assucar com o bagaço da cana, aquelles Senhores de En-

genho, que por falta de matas são obrigados a comprar as lenhas precisas, ficão agora livres dessa grande despesa.

2.<sup>a</sup> Que todos aquelles Engenhos, que ha já annos, não fazião assucar, porque, não tendo já matas, e estando longe das praias, se lhes impossibilitava até o comprar lenhas, pódem agora fazer novamente as suas plantaçoens, e reassumir o fabrico do assucar.

Este esboço, espero que será mui util ao povo Braziliense. Mas sobre tudo, deveria o Ministerio afervorar e estimular os homens de talento, a applicarem-se constantemente em beneficio do publico, premiando e remunerando o verdadeiro merecimento. Por isso disse sabiamente o erudito traductor das Obras Politicas e Economicas de *Edmund Burke* no seu Prefacio: „ Que a remuneração que „ se usa conceder a todos os eminentes ser- „ vidores do Estado, he huma das principaes „ causas de se criarem em Inglaterra tantos „ homens de saber prodigioso, e de espirito „ duplicado dos Aristides, Fabricios, e Cin- „ cinnatos, que tem honrado a Especie. „

*Memoria sobre o Algodoeiro contiuada  
do N.º 2.º pag. 43.*

## C A P I T U L O IV.

*Do clima, ou temperie do ar mais convenien-  
te á vegetação do Algodoeiro.*

**A**S regras, que até aqui tenho dado a respeito das qualidades do terreno, de nada aproveitarião, se não ajuntassemos tambem algumas reflexões sobre o clima, isto he, sobre a temperie da athmosfera mais conveniente á cultura da nossa planta; pois que, se se plantarem Algodoeiros nas qualidades de terras, que no Cap. antecedente indiquei por melhores, sendo o clima ou temperie do ar desconvenientes, não póde dar lucro avultado.

Neste Paiz não se distinguem, como na Europa, as quatro Estações constantes, apenas se marcão duas, verão, e inverno. Chamão verão áquelle tempo, em que não chove, e inverno áquelle em que as chuvas são mais abundantes, ainda que não haja frio algum: mas além disto, eu distingo dous climas bem differentes, por causa da construcção fisica da superficie do terreno. Onde a superficie do terreno he cheia de multiplicadas serras, quer seja beira mar, ou não, ali as chuvas são mais abundantes, principião mais cedo, acabão mais tarde, o ar he quente e humido, vêem-se

alagadiços, paues, rios perenes, fontes abundantissimas, e isto pelas rasões físicas, que os Fisicos explicão: desta natureza he toda a borda do mar, principiando do Rio-Grande do Norte para o Sul da Paraíba, Goiana; Recife, Alagoas, Bahia, &c. Em toda esta extensão com largura de 10, 16, e 20 legoas, observa-se constantemente este clima chuvoso e humido; do mesmo modo do Siará para o Norte, e ainda no interior dos Sertões, onde o cordão da serra chamada Bruburema se multiplica, e encapela os seus inumeraveis cabeços, tal he *Ibiapába*, *Cariri-Novo*, e todo o *Pihaubi*; porque a tal serra da Bruburema, que considero como espinhaço da terra de toda a Capitania de Paranaíba fórma hum cordão de muitos centos de legoas sem interrupção alguma: este clima que até aqui tenho descripto, chamão agreste.

Onde não ha esta multiplicidade de serras e os campos são mais espaçosos, as chuvas não são tantas, a temperie do ar he seca e quente, chamão mimoso. Este he o clima mais conveniente para a plantação do Algodoeiro; ahi cresce bem, produz abundantemente, com tanto que se escolha a terra, que inculquei por melhor no Cap. antecedente, ahi finalmente, dura o Algodoeiro 10, 12, 14, e mais annos, havendo cuidado de o cultivar e tratar como adiante indicarei.

Não acontece assim no clima quente e



humido, que acima descrevi, a que chamão agreste; ahí os Algodoeiros adquirem huma constituição plethorica, crescem bem frondosos, as folhas mui grandes, de hum verde escuro, enchendo o agricultor pouco experto de esperanças vans; porque não corresponde ó fructo ao trabalho da cultura; por mais cuidados e desvelos, com que se tratem, já-mais chegão a tocar aquella idade dos que se plantão em mimoso.

## C A P I T U L O V.

*Da melhor maneira de plantar os Algodoeiros*

**D**Epois de bem limpo o terreno, que se intenta encher de algodeiros, operação que se faz neste paiz desde Setembro até fins de Novembro, segue-se planta-los: desta primeira operação já depende a futura felicidade do agricultor, pois que a distancia, em que fica o Algodoeiro hum do outro, influe sobre maneira na vegetação.

Não precisa ter grandes instrucções da Fisica dos vegetaes, para vir no conhecimento desta verdade; basta não fechar os olhos aos phenomenos, que a Natureza nos mostra á cada passo. Se cahem sobre a terra muitas sementes de qualquer vegetal amontoadas, ou apinhadas, e chegão a nascer; crescem sempre fanadas; porque o terreno, que apenas se-

ria sufficiente para nutrir huma só planta, se emprega em fazer vegetar muitas ao mesmo tempo; além de que o ar, que tambem serve por si, e pela agoa e humidade, que consigo traz em dissolução, não póde circular livremente entre ellas.

Se a Natureza não tivesse prevenido esta desordem, brevemente se teria acabado a continuação da producção dos entes vegetativos. Ainda digo mais: que não duraria mais de tres vidas, logo depois da sua criação pelo Ente Supremo: porque, chegando os fructos ao ponto de sua maturação, e cahindo as sementes amontoadas ao pé da arvore, que as produzio, nascríão sim, mas como não são dotadas de livre movimento para poderem, bem como os animacs, hir ao longe procurar o seu nutrimento, depressa morreríão; porque de huma parte o pouco nutrimento, que o pequeno espaço de terra subministrasse a tantos, da outra parte a sombra da mesma mãe e delles mesmos, deveríão forçosamente apressar-lhes a morte. Para obviar pois este inconveniente; que meios não buscaria a Sabia Natureza? Aninhou as sementes de huns em polpa doce e saborosa, para que os animaes obrigados pela fome e aliciados pela gula, as tirassem do lugar do seu nascimento, e comendo por diversas partes a polpa, espalhassem ao mesmo tempo, ou semeassem a sua semente; a outras dotou de membranas

lateraes como as do til ( *Tilia* Lin. ), para com ellas poderem voar ; a outras finalmente armou de farpas ( *bidens* ), e &c. , para que pegando-se aos animaes que passassem, fossem depois cahir por diversas partes.

Pois se a Natureza tem proeurado todos estes meios para semear e plantar em convenientes distancias as plantas ; porque rasão havemos desprezar os dictames, que ella mesma nos está dando ? Quanto se engana o agricultor preguiçoso, que, querendo aproveitar melhor o seu suor, planta maior numero de vegetaes ; ou de Algodoeiros no terreno que alimpa, pensando, que quanto mais plantar mais colherá ! He verdade que, em quanto as plantas são pequenas, tem vigor e vegetão livremente, lisongeando a esperanza do agricultor ; mas apenas comecção a fiar mais frondosas, e espalhar seus ramos mais ao longe, tomando maior campo, huma á outra mutuamente se offendem ; o seu tronco, faltando-lhe as circumstancias sobreditas, fica delgado sem substancia, e o seu fructo por consequencia deve ser pouco, correspondendo á mãi que o produz, como tambem deve ser de má qualidade. Além destes danos palpaveis ainda á quem não experimentou, causa a plantação de Algodoeiros muito juntos outro muito maior damno, que he o de se não poder colher esse mesmo máo fructo ; porque, engrazando-se os ramos dos Algodoeiros huns com

os outros, obriga á pessoa, que o colhe, a andar curvado por baixo, cuja posição extraordinaria, além de fatigar, faz com que não sejam vistas as capsulas (maçans), que se achão sobre o seu teçume, o que causa huma grande perda. Eu já vi abandonarem Algodoeiros carregados de fructos, não se atrevendo a continuarem a colheita, por terem sido plantados muito juntos.

Se pelo contrario he plantado demasiadamente largo hum do outro, perde-se boa parte do terreno, que se preparou; o que tambem he perda consideravel para o agricultor. Para evitar pois estes dous inconvenientes, he necessario, que elle attenda á qualidade da terra, que cultiva; porque vegetando melhor os Algodoeiros em humas do que em outras, deve por consequencia variar a distancia, em que se planta. Eu tenho verificado, que nas vargens do lugar, em que cultivo os meus Algodoeiros, a distancia mais proporcionada he de 14 pés hum do outro; nas catingas de mata 8; nos ariscos, e nos lugares de agreste de 6 pés ou huma toeza, e que além disto, a melhor ordem, em que se pôde plantar he em quinçunce; pois que além de formosear o Algodoeal, o feitor com poco trabalho põe debaixo da vista os escravos, que colhem, e que mondão: a mesma monda fica mais facil, sem fallar ainda em outras utilidades menores, que, disto resultão.

Não posso deixar de fallar em hum abuso muito prejudicial, que se tem introduzido entre alguns agricultores de Algodões, e he o seguinte. Alguns agricultores conhecendo que o plantar os Algodoeiros muito distantes era prejudicial, porque se perdia o trabalho da preparação de huma boa parte do terreno; e que ao mesmo tempo havia igual ou maior prejuizo em planta-los muito juntos, pensarão que remediavão estes dous inconvenientes, e que ao mesmo tempo redundava em grande proveito seu, plantando os Algodoeiros no 1.º anno muito juntos, para no 2.º arrancam huma fileira intermedia, tendo-lhe primeiramente collido o fructo, para assim ficar mais campo aos que restão: eu tambem estive persuadido da vantagem deste methodo, porçim repetidas experiencias me tem feito notar que o seu crescimento sempre he acaanhado, maiormente devendo-se-lhe plantar pelos intervallos, legumes, como feijões, milho, e até mesmo mandioca; o que tudo deve plantar o agricultor do Algodão para fartura de sua casa, e nem estas plantações lhe damnificão o seu Algodual; porque em pouco tempo se colhem: e ficão os Algodoeiros desfogados; mas isto deve entender-se sendo os Algodoeiros plantados na proporcionada distancia, que acima referí.

O unico instrumento agronomico que deve servir na plantação dos Algodoeiros he a

enchada, e quatro pessoas armadas deste instrumento, bastão para plantar o maior campo de Algodão; eu tenho simplesmente com este numero, em poucos dias, plantado o campo, que preparárão 50 trabalhadores em hum mez; e nem deve consentir maior numero quem não quizer introduzir ahi a confuzão e a desordem. Deve-se principiar por infincar estacas distantes, humas defronte das outras, naquella direcção que se quizer ás ruas dos Algodoeiros: de huma estaca á outra se estenda huma corda bastantemente comprida, e hajão tantas quantas são as enchadas; depois de estarem assim as cordas estendidas, devem principiar os das enchadas a abrirem as suas covas, que não devem ser mais profundas do que quatro pollegadas, hindo caminhando todos na direcção das cordas, cada hum guiando-se pela sua que escolheo; logo sobre os seus passos devem seguir outros tantos plantadores, ou semeadores, com huma vasilha, ou escodella, na mão cheia de semente de Algodoeiro, e á proporção que os das enchadas forem abrindo as covas, estes devem hir deitando os caroços, e cobrindo de terra com o pé, só quanta baste para cobrir sufficientemente; quando os das enchadas tiverem chegado ao fim das suas cordas que os guiavão, devem parar, e largando nesse lugar os seus instrumentos, devem voltar para traz, para arrancar cada huma estaca onde principiárão, e leva-la com a ponta da

corda que nella estava amarrada , para diante na mesma direcção em que vierão , e depois de pôrem as cordas na ordem e modo em que estavão , tornarão aos seus instrumentos , e continuarão o seu trabalho com este mesmo methodo : quem mette nos buracos a semente , commummente são negras , por isso he que mando sempre , aos que andão com as ençadas , mudar as estacas , porque estes são negros , por isso mais ligeiros que aquellas , qualidade que se requer , para este serviço não padecer demasiada demora. Muitos refusão plantar o seu Algodal por corda , do modo que tenho dito , por não empregarem huns minutos de mais na mudança das estacas ; mas eu tenho calculado que esta demora , no espaço do trabalho de oito dias , vem a redundar em hum dia demais. Ha agricultores , que por isso refusão este methodo de plantar , porém estes são do numero daquelles , que por evitarem hum pequeno incómodo presente , se privão de tantos bens futuros ; funestos effeitos da prigiça , maior causa do descommodo e da pobreza da vida.

Muitas pessoas costumão plantar os seus roçados , ainda antes de chover alguns dias ; quando a chuva não tarda mais de quinze dias he bom , porque nasce a semente quasi no mesmo dia , e vão as plantas crescendo iguaes , o que não acontece quando se planta com chuva , ou estando já a terra molhada ; o Al-

godoeiro gasta commummente de 6, 8 até 10 dias em nascer. Quando se planta em roçados novos, ou de mato virgem, e este tem sido bem queimado, não tem de ordinario necessidade da primeira monda; porque quando muito nasce huma especie de *convolvulus*, chamada vulgarmente *getirana*, a qual se deve arrancar á mão; porque a enchada muitas vezes não faz senão cortar rente da terra, o que não impede, que da raiz nasça nova vergon-tea, que estendendo depois por cima dos novos Algodoeiros, lhes dá tão apertados garrotes, que chegão a quebrar os galhos, deitando muitas vezes o mesmo tronco sobre a terra; e quando não ha este estrago, he para fazer ainda outro damno maior, que he, cobri-los com o seu folhiço, e priva-los das benignas influencias da luz e da atmosfera, vindo finalmente a morrer abafados deste herva inimiga; pelo que deve o agricultor pôr o maior cuidado em extirpar esta ruím casta dos seus roçados, logo desde que os planta, e quando encontre algum Algodoeiro já abafado com a *getirana*, deve procurar onde nasce o tronco para o arrancar, porque assim secão os galhos e folhas, ficando o Algodoeiro livre.

( Continuar-se-há )



*Continuação da Viagem ao Sertão de Benguella ;  
continuada do N.º 2.º pag. 86.*

## RITOS, E COSTUMES.

**H**Um dos principaes ritos, de que usão estes Sôvas versa com os *Zambuladores*, não só consultando-os sobre as suas duvidas particulares, mas sobre as que interessão o Estado. E assim, quando hum Sôva tem de fazer a guerra a algum outro povo, tem huma especie de *Zambuladores*, pelos quaes são as suas armas e os seus vassallos benzidos ( para me explicar deste modo ); usando de certas palavras, cruces e sinaes, com diversas tintas, e saltos por cima do corpo, com cujas superstições se ficão reputando impenetraveis a toda a arma offensiva, e por consequencia, certos da retirada com vida, que elles ao depois, e sem a menor vergonha, cuidão em segurar com huma fugida mais apressada e veloz, que a dos cervos perseguidos pelo caçador.

Logo que morre Sôva, muitos dias antes que saiba o povo da sua morte, o tem os *Quindures* e mais principaes do *Lombe*, pendurado pelo pescoço com huma leve cordinha, até que ella rebente, ou caia o corpo no chão corrupto, e então passão a pentear-lhe a cabeça, e orna-la dos melhores adereços, que o Sôva possuia, e á vista desta sabe então o po-

vo da morte do Sôva. E com a mesma cabeça vão ter com aquelle, que foi eleito para lhe succeder no Estado, cuja eleição foi toda dos *Quindures*, e celebrada por todo o tempo, que passou desde o falecimento do Sôva, até que este foi patenteado ao povo, que se affirma da verdade á vista da cabeça do Sôva. E por esta mesma razão he que conduzem a cabeça tambem ao eleito, para lhe constar que o Sôva he morto, e a eleição legal. Donde se vê, que sendo a eleição ao arbitrio dos *Quindures*, não he sujeita á successão de parente algum, salvo se este he hum homem, cujo procedimento he approved pelo povo, e se distingue do resto: o que ordinariamente se observa nos irmãos do Sôva morto, ou do seu antecessor, os quaes tem sempre o primeiro lugar como *Quindures*, que participão do sangue do Sôva; dos quaes muitos não tendo exercicio no *Lombe*, são levados de pastores e pobres lavradores ao lugar supremo. Em quanto ás qualidades, porque ordinariamente distinguem estes, nada pela maior parte agrada mais aos *Quindures*, que hum humor, que possa facilmente ser governado por elles, e incapaz de lhes hir á mão nos seus procedimentos.

Daqui he, que os filhos do Sôva não tem direito algum ao Sôvado, e são ainda excluidos do *Lombe*, vivendo como qualquer miseravel em vida abjecta, guardando gado, etc., cujo estado não deixa de lhes ser mais favor

ravel, portando-se de modo que não dem o mais leve indicio de que aspirão ao Governo, o que lhes não custaria menos que a vida ou a liberdade; ainda que esta sempre a tragão arriscada, sendo livre ao Sôva vender os filhos, como a qualquer dos seus outros vassallos.

Eleito novo imperante, he trazido para o *Songo* ou *Senzalla*, onde o conservão occulto, até que se acabem os funeraes do Sôva fallecido, cuja função chamão *Intambi*, e que passa deste modo:

Depois de prantearem a sua morte, o que fazem pelo modo mais horrivel e barbaro, pegão na cabeça, e a guardão em huma especie de cesto, a que chamão *Gonga*, e deste modo a conservão, com as cabeças dos Sôvas passados, com toda a veneração, em huma casa, que por isso dá algum indicio de templo, que não tem estes barbaros; pois a estas casas he que concorrem os Sôvas e povo nas grandes afflicções, invocando os *Indelles* ou espiritos dos defuntos Sôvas: e estes *Indelles* pensão elles que tem influxo em todas as suas cousas, juntamente com o *Succo*, como ao depois direi. O corpo porém do Sôva vai a enterrar metido em o couro de hum boi, que o Sôva em sua vida mais estimasse, de cor negra e não de outra. E como já então está o corpo sem flexibilidade, o vão quebrando com algum páo ou ferro, para o reduzirem a menor volume; e o cozerem dentro do couro de boi; e assim

vai a enterrar, com insupportavel alarido, e tiros de espingardas; que por toda a parte vão disparando, até que he enterrado em huma sepultura, apar dos outros Sôvas seus antecessores, em lugar dedicado a este fim; que he huma cerca de páos dentro do *Lombe* ou Paço, que não deixa por isso de ser habitado.

Passão depois a celebrar o que mais propriamente chamão *Intambi*, que consiste em se ajuntarem todos os parentes do morto, em huma casa, accompanhando-os o resto do povo, e alli carpirem a sua ausencia com horriveis brados, com os quaes vão misturando mil louvores do defunto, dizendo que tivera muitas mulheres, muitos filhos, que era liberal, que tinha muito gado, e outras extravagancias deste jaêz. Sobre isto bebem os *Alos* ou *N-Burungas* e *Hellas*, que são duas especies de vinho, que, além de outros, fabricão e usão, muitas vezes á custa do juizo que perdem, sem exceptuar a chamada *geribita*, pela qual darão a vida se lha pedirem: nem se esquecem de hir comendo do gado, que para esta função trouxerão os parentes do morto, esmerando-se cada hum por se avantajarem na quantidade de cabeças que podem, as quaes, com as que matão pertencentes ao mesmo, querem elles sirvão de prova da riqueza e abundancia do morto, e do brio e amor dos seus parentes; o que pertendem conste a todo o tempo deixando sobre a sua sepultura, dispostos em

hum monte, os cornos das rezes mortas, de cujo numero querem que todos collijão a sua grandeza.

A solemnidade da posse do novo Sôva, succede a estas funcções, que deixo referidas, com não menores barbaridades; entre as quaes tem para mim não pouca extravagancia a cerimonia, por meio da qual este toma hum nome, porque deve ser tratado depois de Sôva, além do que d'antes tinha. Junto todo o *Lombe* adiante do Sôva, e todo o povo, de modo que aquelle possa ser visto de todos, pega o mesmo Sôva em hum apito, e dá hum assobio para se lhe dar attenção; havida a qual, profere hum nome, como o que lhe deve ficar: o povo desaprova este nome, dizendo em altas vozes: *Obori!* ou *Puan!* que quer dizer não. Repete isto mesmo e com o mesmo successo; até que havendo tocado terceira vez o apito, e proferido terceiro nome, he este approvado pelo povo, e applaudido com palmadas, assobios, e grita horriavel. Acabado isto, cuida o Sôva em viver como tal; e vem a ser lizongeadado e governado pelos seus, se quizer viver, sendo tal o excesso da lizonja, que nada diz, nem faz o Sôva, ainda nas suas acções mais ordinarias, que não seja pelos circunstantes recebido com o seu *Bá!* palavra de approvação: do mesmo modo, quando o Sôva espirra ou cospe, dão os circunstantes estalos com os dedos, a que

nões chamamos castanhetas, e o cuspo he recebido em hum vaso, para ser enterrado á noite com toda a cautella, para que os seus inimigos, se os tem, não lancem mão d'elle a fim de lhe fazerem feitiços.

Eisaqui pelo que pertence á coroação do Sôva e seu funeral; e antes que trate do enterramento e morte dos particulares, he preciso dar previamente noticia de algumas opiniões, que vogão entre esta gente, e entre tantas Nações inteiras.

Tem elles que nada succede neste mundo, que não seja por impulso dos *Indelles* ou *Sandes*, que são as almas dos seus defuntos; ou por maleficio dos feiticeiros, attribuindo a causas sobrenaturaes e necessarias os actos de mera liberdade. O seguinte prova, e explica bem o sobredito.

Logo que morre hum particular qualquer, depois de lhe fazerem o seu *Intambi*, os parentes, conforme as suas posses, passam a averiguar quem foi a causa da morte daquelle parente, como tambem he estilo no *Loango*, e em outras partes desta corte: para o que, vão estes a consultar sobre a duvida o *Quizambula*, ou *Zambulador*, mas a outra terra distante, para ter a sua resposta todo o criterio de verdadeira; repetindo esta mesma diligencia em outras partes de jurisdicção alheia, havendo-se já a este tempo segurado daquelle, que, ou suspeitão, ou fingem suspeitar que

foi o assassino ; e isto , ainda que o parente houvesse fallecido de qualquer enfermidade ; queda , ou ferida na guerra , ou verdadeiramente assassinado ; porque entre estes barbaros , todo o bem que lhes succede , lhes vem dos seus *Sandes* amigos ; e todo o mal , ou dos seus *Sandes* inimigos , em cujo caso pagão os parentes dos *Sandes* contrarios , ou dos feiticeiros , e então o paga algum , que reputão se-lo , e o *Quizambula* dá por tal.

Conhecido por este modo o aggressor , levão-no á presença do *Sôva* , pedindo em altas vozes justiça , na qual procede o *Sôva* , primeiramente mandando da sua parte *zambular* sobre o caso , enviando gente sua a hum só *Quizambula* ; e logo com a confirmação deste , absolvendo , ou entregando o misero réo aos parentes do morto , para o matarem ou sequestrarem , ficando os seus bens repartidos entre os auctores daquelle caso , sem exceptuar a venda , que fazem da mesma pessoa do réo. E se alguma vez acontece deixarem-no em liberdade , valendo-lhe o ser velho e de nenhum valor , he para viver o misero sempre banido , e temido em todas as partes como feiticeiro. E desta tramoia se serve hum *Sôva* , para lançar mão dos bens de qualquer rico , ou da pessoa de qualquer , suspeita sobre o Estado ; e daqui talvez he que procede o pouco amor ás riquezas entre esta pobre gente , em hum tal governo , e sujei-

tos a humas bábaras leis, que conduzem qualquer particular a perder a vida, liberdade e bens, sem lhe aproveitar para escapar a este triste destino a mais exacta observancia do justo e do licito. Ainda não pára aqui a barbaridade sobre este ponto.

Se os parentes de hum morto por qualquer modo, ou na paz ou na guerra, se descuidão das pias diligencias, que temos referidas; não tardão os seus Manes, ou *Sandes*, em os advertir e reprehender asperamente, porque deixão viver em paz o matador; o que fazem pela maior parte, por meio de horriveis sonhos, com que os incommodão, ameaçando-os nelles: e no caso de ser tambem morto o assassino, sem o castigo do seu delicto, vem por elle a paga-lo algum dos seus parentes, descobrindo os mesmos *Sandes* do morto, quem o tirara desta vida; e muitas vezes he hum particular accusado de hum homicidio cometido em outrem pelos *Sandes* da sua geração, e paga por elles, porque foi convencido deste *Mucano* (ou causa, pleito, crime, &c.,) pelas advinhaçoens dos *Quizambulas*.

O *Mucano* ou crime do adulterio, acarreta a quem he delle convencido, huma condemnação sobre seus bens, na quantia arbitraria ao offendido; o que chamão, fallando do réo, pagar o *Cóy*, e com relação ao offendido, comer o *Cóy*; e isto quando aquelle he senhor



de bens, porque de outro modo, paga com a liberdade, ficando escravo do seu contrario. Mas em geral, este trabalho acontece mais vezes a homens, que tem com que; assim por diligencia das adúlteras e seus maridos, como porque hum pobre faz mais por conservar a arriscada liberdade, como o unico bem, que possue. Daqui vem, que reputão por feliz aquelle, que tem mulher muito desejada, como certo meio de enriquecer o marido.

Nesta mesma pena incorrem os que fazem algum insulto a outrem; ao que chamão vulgarmente *fazer quituchi*, ou commetter hum *quituchi* ou *Imbu*; ainda que esta palavra propriamente, significa a pena, ou condemnação procedida deste *mucano*.

Não he menos extravagante o que praticão entre si dous Sôvas, quando em alguma parte se chegão a avistar pela primeira vez; como por exemplo, no nosso campo, aonde são obrigados a concorrer todos os que são avassallados a Portugal. Portão-se deste modo. — Comprão huma vaca e a conduzem para o campo visinho ás suas casas ou *Ingulos*; e tendo nella mão alguns dos seus, partem ao mesmo tempo cada hum, para onde está segura a rêz, levando cada hum diante de si o seu *Quessôngo*; os quaes ao mesmo tempo a ferem com as suas *zagayas*, e se retirão logo para dar lugar aos Sôvas de saltarem de partes oppostas até tres vezes por cima da rêz, e

fazendo ao mesmo tempo cada hum com a sua machadinha varios gestos de quem pelega ; depois do que se retirão ambos para as suas habitaçoens respectivas , sem com tudo se fallarem até o dia seguinte , em que se visitão e contrahem amizade , se lhes parece , sendo-lhes vedado o poderem communicar-se sem esta cerimonia. Em quanto á rêz , cada hum fica com a sua metade , para a comer com os seus. O contrario desta pratica he entre elles huma terrivel *Quicólla* , *Quigira* , ou azár , prenúncio de infelicidades. Finalmente , para acabar com o que pertence a esta barbara cerimonia , direi : Que em lugar desta rêz , sacrificião muitos hum homem , que deve ser dos inimigos communs de ambos os Sôvas , e aprisionado para fazerem delle o mesmo que da rêz , com a execranda differença de lhe cortarem e guardarem para as suas superstiçoens aquellas partes , que o pudor e a honestidade mandão esconder ; suppondo-as excellentes antidotos contra a violencia das armas , por isso que forão de inimigo. Aqui se achão acampados em serviço deste exercito dous Sôvas , que não se fallão por aggravos , ou porque nunca se avistárão , esperando que lhes venha ás mãos algum captivo dos inimigos , para o sacrificarem á sua amizade. Mas se , depois de estarem dous entre si differentes , vem a fazer as pazes , basta a cerimonia da morte de huma rêz. Seria porém enfadonho a qualquer , abraçar nos limites

destes apontamentos tudo quanto há que dizer sobre este objecto; além de que basta dizer; que qualquer, que tiver sabido bem o que he superstição, e o que he fanatismo; e o excesso a que podem levar o homem ignorante estas duas pestes do espirito humano, poderá abarcar com a imaginação, quão enfermos vivem estes miseros, se os considerar em gráo supremo empestados destes dous infernaes miasmas.

## G U E R R A.

**D**Esta matéria só tocaremos, no modo, com que se portão os exercitos desta gente, manei-  
ra de dar e receber as suas batalhas, e das  
armas de que usão.

Em geral não tem estes povos o minimo  
côhecimento da disciplina militar: os seus  
corpos de guerra não tem ordem alguma, nem  
regularidade as suas batalhas. Attacão tumultuosa-  
mente, e quando achão maior resistencia, fo-  
gem como selvagens, mais velozes que as  
côrsas, para o que logo dão as costas ao  
inimigo. Para fugirem, lanção fóra de si tudo  
quanto lhes pôde servir do menor embaraço;  
sem exceptuar os proprios arcos e flechas,  
nem ainda a pequena pelle, com que defendem  
a modestia. Eu vi alguns em seguimento de  
veados e outros animaes, emparelhar com  
elles, e por essa razão não poderem arremes-

sar-lhes os seus porrinhos, de que usão para offenderem, e defenderem-se do inimigo. E são tão destros nesta arma, que della se servem muitas vezes para fazerem fugir as mais temiveis feras, e ainda para colherem os fructos de altissimas arvores e palmeiras.

Não tem estas Naçoens lei alguma de guerra, que dê o menor indicio de policia: nem costumão entre si guardar aquella immunnidade, que entre as outras Naçoens polidas se guarda ás pessoas dos Embaixadores; antes os que são incumbidos desta funcção, vão sempre arriscados a lhes tirarem as vidas, sendo o menos infeliz, aquelle que torna para o seu Sôva com as orelhas e o nariz cortados; signal certo de rompimento entre os dous respectivos potentados. Por essa razão talvez he que usão os Sôvas, que mandão huma Embaixada, enviar mais que hum dos vassallos, para terem noticia do triste destino, que tiverão as suas negociaçoens.

Em fim, concluirei a minha digressão, reflectindo, que a maior parte desta gente he antropofaga, e que dos captivos na guerra tirão as victimas, que sacrificão á gula e á superstição.

## L I T T E R A T U R A .

## O D E .

**Q**ue sinto , ó Deozes , que tranporte he este?  
 Arde-me o coração dentro do peito ,  
 Hum subito furor me ataca a mente ;  
     Ferve o sangue nas vêas ;  
     Mil contrarias idéas  
 Me assaltão de tropel ! . . . Razão sagrada ,  
 Onde estás , ó Razão ? . . não vales nada .

Ah ! Rinaldi , Rinaldi ! os meus transportes ;  
 Minha ternura . . . amor . . Eu desvario ! , .  
 Adeos , ó Liberdade , adeos , Prazeres ,  
     Já para vós não vivo ,  
     O Coração cativo ,  
 Que entre ferros me pôs Rinaldi bella ,  
 Nada quer , nada sente a não ser ella .

Crimine embora o mundo maldizente  
 A excessiva paixão , que me allucina ,  
 A par de ti o mundo , que me importa ?  
     Rinaldi he só quem vejo :  
     O que sente o dezejo  
 He só que os Ceos Sagrados me não dessem  
 Mil corações , que em seu amor ardessem .

Hum vezuvio de amor me sobe ao rosto,  
E em pranto pelos olhos me rebenta . . .

Correi, lagrimas ternas: desafogue

O incendio concentrado:

Nenhum mortal ouzado

Mo intente suffocar . . . Quem póde 'tanto? . . .

Choro por ti, Rinaldi, he doce o pranto.

Ainda te vejo; a solta Fantazia

Sobre a scena, que illustras, te retrata.

Ceo, o teu Chefe de Obra não he este? . . .

Venus do mar sahindo

Mostrou rosto tão lindo? . . .

Esperas criar inda igual belleza?

Não; que o molde quebrou-o a natureza.

Não podes tanto; as forças esgotaste.

Que são Venus, e as Graças a par della?

Deozes, morrei de amor, Deozas, servi-a,

Descei do sacro assento;

No estrellado apozeno

Seja Rinaldi a Summa Divindade . . .

Não sou blasfemo; Amor mo persuade.

Lá move os pés, os coraçoes calcando.

Que airoso talhe! Que mimosos gestos!

Soltas as loiras ondeadas tranças . . .

Rinaldi, espera, espera,

Hum pouco a luz modera

D'esses dois soes de amor, dos olhos bellos,

Se ver não queres arder tudo em zelos.

Que almas de gelo, coraçãoes de rocha  
Poderão resistir-te, ó Ninfa bella? . . .

Não, o Ceo não te fez para este ultraje:

Do mundo em qualquer parte

Todos hão de adorar-te:

Nascestes para d'elles ser Senhora:

He divida, que paga quem te adora.

Venturoso mortal, tu que soubeste  
Grangear de Rinaldi o amor e os mimos,  
Quem não terá inveja á tua sorte?

Ditoso entre os seus braços,

Entre apertados laços,

As glorias destructando . . . Amor, piedade,  
Se a posse roubas, rouba-me a vontade.

Não, mortal, tu não sabes; não conheces  
O valor do Thesoiro, que possues.

Bastoens, Coroas, Scetros, não são nada.

Vir-te hão inda ao sentido

Os bens, que tens perdido?

Só c'o a mão de Rinaldi, que alcançaste,

De quanto Amor dar póde em posse entraste.

Amigos, Patria, Pais, tudo te esqueça.

De Rinadi hum sorriso vale tudo . . .

Que valerão, ó Ceos, os seus favores? . . .

Alguem duvidaria

Passar a Zona fria,

Hir na Libya habitar terra mesquinha,

Podendo-se dizer, Rinaldi he minha?

Pais insensíveis, que immolais hum Filho  
 Nas áras do capricho, sem mais crime  
 Que o doce crime, a que ninguem fugira,  
     Deixai o orgulho insano;  
     Mostrai hum peito humano;  
 Se tendes o perdão por desacerto  
 Vêde Rinaldi, e o perdão vosso he certo.

E tu, Deoza das Graças, que outro nome  
 Não he proprio de ti, bella Rinaldi,  
 Que has de fazer dos coraçoes, que roubas?  
     Nenhum faças ditozo:  
     Ama só teu Esposo:  
 Que a amares outro . . . horriveis pensamentos!  
 São menores, Inferno, os teus tormentos.

## D Y T H I R A M B O.

**E**IS o sombrio, gelado inverno,  
 Com as mãos ambas das grossas nuvens  
     Fero dardeja,  
     Troveja,  
     Chammeja:  
 E Aquilão rigido  
 O corpo rorido,  
 Ajaezado de negras plumas,  
 Do pólo frigido  
 Guiando hum turbido  
 Esquadrão horrido  
 De ventos rispido,



Attaca, fere, derriba, estronca  
Os freixos, os juncos, as canas, os cedros.

Coridão, Coridão amigo,

Ah! contra elle busquemos abrigo.

Mas já te vejo, confuso, attonito,

Sordido, pallido, tímido, lugubre,

A hirsuta cabeça coçando,

Perguntar-me com mil extremos,

Onde, Elpino, encontra-lo podemos?

Mackdowel experto,

Que no lenho concavo,

Vai rasgando impavido

Entre as ondas humidas

As campanhas tumidas

Do inconstante pelago,

Mostrar-to bem pôde,

Pastor engraçado:

Pois nasceo na frigida,

Soberba, belligera,

Insula Britannica,

Da qual he indigena

O bom ponche rubido,

O ponche illustre, de alambres liquidos

Orvalho odorifero,

Que os gelos, que os ventos, que as nuvens,

Enveste, derrota, derriba, affugenta.

Ah! quantas vezes o povo orgulhoso

D'Eolo fero bramando horroroso,

Em rijas brizas sobre elle desfeito

Das negras vergas roubar-lhe intentou

O panno, que aos sopros fia dos zefiros!

Ah! quantas vezes do Reino espumante  
Erguidas serras rolando arrogante

Do baixel fulminante

O costado

Espalmado

Lhe descoze com ellas!

Assustão-se os nautas, e a rouca celeuma

A's estrellas voa:

De tristes gemidos

O ar se povoa:

Porém elle impavido

Huma taça empunha deste almo licor,

E com ella dos ventos amansa o furor.

Eia pois, amigo,

Conforta-te, alegra-te,

E na meza optima,

Aonde cercado

De Febo, e das Musas,

Com a grande cithara

Do Cisne da Apulia,

Quando a doce voz levantas

O Parnaso todo encantas,

Com podim e ponche

Esta noite espera-me,

E me verás lepido

Com o copo gravido

Do bom licor tepido,

Afrontar impavido

Os furores do inverno engelhado.

*Diniz.*

## ODE ANACREONTICA.

**S**Uave avezinha,  
 Que d'Egle formosa  
 Arrojas ditosa  
 No pé o grilhão ;  
 Também , como tu ,  
 Eu sou seu cativo ,  
 E como tu , vivo  
 Na sua prisão .

Mas ah ! quão diff'rentes  
 Nos fez a ventura !  
 Egle te procura  
 Com extremos mil ;  
 E a mim , que a procuro  
 Rendido e constante ,  
 Esconde arrogante  
 Seu rosto gentil .

De teu terno canto  
 De longe chamada ,  
 Vem leda , apressada  
 A ouvir tua voz .  
 E deste meu peito  
 Aos ternos gemidos  
 Lhes cerra os ouvidos ,  
 E foge veloz .

No seio te affaga ,  
Te dá carinhosa  
Mil beijos gostosa ,  
Mais doces que o mel.

E a mim , que a procuro ,  
Com baldões me trata ,  
Offende e maltrata  
Esta alma fiel.

Ella te agradece  
O teu doce canto ,  
Mas eu de meu pranto  
Não hei galardão.

Suave avezinha ,  
Pois és tão ditoza ,  
Ah ! canta gostosa  
Na doce prisão.

*Diniz.*

*Discurso sobre a Traducção.*

**T**enho tantas vezes apparecido ao Publico em qualidade de Traductor, e como tal sido exposto a censuras muitas vezes indiscretas, que julgo hoje do meu dever tratar das Traducções. Existe nesta Corte hum testemunha muito respeitavel da nota de *muito fiel*, que hum Sabio pôz á minha primeira traducção. Elle fez o meu elogio, quando intentou condemnar-me. Em algumas occasioens depois disto tenho feito algumas reflexoens sobre este objecto; ao que hum escritor moderno chama *Sermoens, que de nada servem*. Não querendo responder pessoalmente, desprezarei sarcasmos insulsos, e caminharei directamente ao meu alvo.

Chamo traducção *a copia, que se faz em hum lingua, de hum discurso, já pronunciado em outra*. Esta definição, que pertence a *M. Beauzée*, me parece exacta, e comprehende o germen do que tenho que dizer neste discurso.

1.º Ella mostra que se deve conhecer muito bem *hum lingua e outra*, e a materia do discurso pronunciado: 2.º o rigor com que se devem trasladar pensamentos, imagens, figuras, e até palavras.

1.º Quem duvidará que, para bem traduzir, não basta conhecer simplesmente as

Grammaticas das linguas, mas he necessario não deixar escapar a menor das suas bellezas, hum só idiotismo, huma só frase? Como se poderá aliás fazer huma copia perfeita e fiel? Esta circumstancia arrasta com sigo difficuldades consideraveis. As trazes de huma lingua não podem muitas vezes passar a outra, e cumpre substitui-las por outras equivalentes, por exemplo, huma methaphora por outra. Os genios das linguas, differentes como os semblantes das naçoens, não sofrem sempre huma simples substituição de palavras; he necessario escrever, como escrevêra o A. na lingua em que se traduz, e daqui vem huma infinidade de erros de linguagem. O que vulgarmente se chamão synonymos fórma outra difficuldade. Duas palavras desta denominação indicão pontos de vista ou accepçoens diversas, e não se poderá jámais tomar huma pela outra. Alguns Authores, aliás de merecimento, mas poucos cuidadosos da lingua materna, tem cahido neste defeito. Se eu qui esse aponta-los, largo campo se me offerecia, mas falta ainda á nossa lingua o Diccionario de Synonimos, e as minhas distincçoens parecerião arbitrarías. Todo o mundo conhece que a falta deste conhecimento fez dizer a hum estrangeiro em *Paris*, *boyaux* em vez de *entrailles*, e que affectando ignorar esta delicadeza o celebre Marquez de *Galli* chamou ao General *Masseua*, *l'Enfant pourri de la victoire* em vez

*de l'Enfant gaté*, o que desafiou a colera daquelle Marechal.

Mas que direi eu, quando vejo que se arrojão a este trabalho muitos até sem o conhecimento da Grammatica da lingua materna? .. Em lugar do serio e laborioso estudo das linguas, tomão o arido empenho de pôr ás cegas palavras por palavras, ainda que a sua união não tenha lugar em vulgar? .. Porém eu accuso talvez os meus defeitos indirectamente.

Como porém cada arte, cada sciencia, e em geral cada objecto, tem seus termos proprios, quem poderá bem traduzir sem conhecimento do assumpto da Obra? Quem, por exemplo, em Geometria traduzisse *droite*, ou *right* &c. por *direita*, haveria bem traduzido? Eis-ahi por tanto o que faria quem não tivesse algumas luzes da Geometria. Todos os dias lemos frases improprias geradas pela substituição de palavras soltas, que ligadas e prezas no discurso, nada dizem intelligivel. O leitor me poupará os exemplos, que achará a cada passo.

Destas consideraçõens nascem já bastantes difficuldades a este genero de escrita, e tambem não pequeno merecimento a quem o desempenhar dignamente. Huma traducção não he mais do que huma traducção, dizem alguns presumidos litteratos. He huma proposição evidente: todas as cousas não são mais do que são. Logo aquella definição negativa de huma

tradução nada quer dizer, isto se chama vontade de produzir *inania verba*.

He necessario perceber bem o sentido do A., conhecer a energia da linguagem que elle emprega, e trasladar o seu pensamento, sem detrimento da expressão, quanto o permittir a analogia das duas linguas, como vou provar.

Alguns, aterrados talvez com as difficuldades, que ficão ponderadas, imaginarão que era mais facil illudi-las, que vence-las; e portanto arrogarão a si a liberdade de vestirem de outras galas o retrato, que copião, quero dizer, pensão que huma vez trasladado o pensamento do Author, não importa que sejam outras as expressoens, e até diversa a combinação; não se lembrando que ficava desta arte perdida a fidelidade da copia, além de ser bem difficil empregar outras palavras sem detrimento do sentido. Para appoiarem este systema, filho da prigiça, se acolhem aos dois bem sabidos textos de Cicero e de Horacio. Analisemos pois estas passagens, e mostremos que estes grandes Mestres dizem o contrario do que elles pensão.

A passagem de Cicero he a seguinte ,,  
*Nec converti, ut Interpres, sed ut orator; sententiis iisdem, et earum formis tanquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis: in quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed omnium verborum, vim que servavi; non et me ànnumerare lectori putavi, sed tan-*



*tanquam appendere.* ,, Eu não trasladei (as Oraçoens de *Demosthenes* e de *Eschines*), como Traductor, sim como orador; com os mesmos pensamentos, e com expressoens accomodadas ao genio da nossa lingua; nas quaes não julguei necessario pôr palavra por palavra, mas conservei o genero e força de todas ellas; porque não julguei dever dar conta ao leitor do numero das palavras, mas como do pezo.

Nestas palavras se encerrão (a meu ver) todos os preceitos da traducção, *ut interpretes*: 1.<sup>o</sup> deve trasladar os pensamentos *sententiis iisdem*, empregar os mesmos tropos *figuris*, e até as mesmas palavras *verbis*. Se Cicero se affastou destes preceitos, he porque não foi hum Traductor, mas hum Orador *ut Orator*. Se parecer a alguém arbitraria esta explicação, outros muitos lugares o provão evidentemente. *Totidem fere verbis interpretatus sum* ( De fin. XXX. , 100 ) *fungar interpretis munere, ne quis me fingere putet* ( Tusc. ); *expressa ad verbum duxi*, &c. Em todos elles se vê recommendada huma escrupulosa fidelidade com as mesmas palavras, sem querer compôr, trasladando verbalmente.

Desvanece-se por tanto, ou antes condemna Cicero a liberdade, que se tem arrogado muitos traductores, fiados nesta passagem, ou na outra de Horacio ainda mais conhecida — *Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres*. He para notar que escritores, — aliás de muito

merecimento, tenham entendido por esta passagem que não devem ser fieis as Traducçoens. Candido Luzitano, litterato de grande nome, seguindo a Dacier, Sanadon, e outros Commentadores, he deste parecer. Outros porém, não menos instruidos, e por ventura mais sensatos, consultão o sentido obvio e litteral do Poeta.

Horacio não falla neste lugar da Traducção, mas sim da imitação: suppoem que o Poeta se propoem tratar hum assumpto já conhecido - *Publica materies privati juris erit* &c. v. 131., e então seria ridiculo roubar ao A., que primeiro a tratou, todos os pensamentos já conhecidos e trilhados - *Nec circa vilem* &c., empregar as mesmas palavras *verbum verbo*, &c. como faria hum fiel traductor. Tão longe está o acisado critico de condemnar as traducçoens fieis, que jámais separa estas duas qualidades. *Desprez* entendeo bem esta passagem, exprimindo-a nestes termos, *nec verbum verbo explicare studeas, ut fidelis interpres*. E ella he tão decisiva, que he necessario fechar os olhos á luz para não entende-la.

He muito facil allegar exemplos. Virgilio tira muitos episodios, e comparaçoens de Homero, e Camoens de Virgilio; mas longe de se cingirem ás expressoens dos originaes, os aformoseão ainda mais. Os Commentadores se tem cansado em indicar estas imitações, em Virgilio por exemplo a descida aos Infernos,

o escudo de Eneas, e outras muitas, são antes melhoradas que extrahidas; em Camoens o immortal episodio de Castro, a falla de Bacco, a comparação das formigas, e outras immensas bellezas são (para me expressar assim) refinaçoens do Epico Latino. Para que he fallar de Milton, e de Tasso? Se estes grandes genios, o 1.<sup>o</sup> imitador do Grego, e o 2.<sup>o</sup> do Latino, houvessem traduzido os seus modelos, seriam tão condemnaveis, como o Traductor, que quizesse adiantar-se ao Original.

Horacio não he menos fecunda fonte de imitação. Os nossos Ferreira e Sá aproveitarão com muita felicidade as suas sentenças, e a philosophia, que respira nos seus versos, quasi exclusivamente: o immortal Garção herdou o seu genio sublime nas suas Odes &c. Boileau, e Pope entre os estrangeiros, e todos os Poetas de bom senso, são imitadores, *non ut fidus interpretes*. Será talvez mais difficil traduzi-lo fielmente! Se Ovidio vive entre nós por huma Traducção, que he obra prima a meu ver, he porque alcançou a paciencia e erudição de hum dos maiores litteratos do nosso tempo. Eu admiro a Eneida de Barreto, mas não me atrevera a chamar-lhe Traducção. No mesmo caso, porém creio que com desigual merecimento, se acha a Jerusalem Libertada de Tasso, traduzida por Jacinto Freire de Andrade.

Não he meu intento condemnar os trabalhos destes dois distintos litteratos, ambos

classicos da nossa lingua. Eu faço infinitamente mais apreço das suas obras do que da traducção de hum Poeta em proza, por mais escrupulosa e fiel que ella seja. Os encantos da Poesia não podem copiar-se em huma lingua, que lhe he estranha. Para continuar com a minha comparação, o colorido do quadro perde-se, quando se traslada em proza huma peça; passará o esboço, e nada mais. He por isso que eu creio que a traducção de hum Poeta não se deve fazer como Traductor, mas como Poeta, cingindo-se quanto for possivel ao texto, mas sem perder de vista o rithmo, que faz huma parte essencial do seu original. D'aqui se seguiria que só hum Poeta traduziria outro. Embora. Se devemos dar credito ao nosso excellente *Filinto Elysio*, só hum Poeta he capaz de sentir as bellezas e o fino, para assim dizer, de outro; e porque, segundo Pope, *Quem o sente melhor, melhor o exprime*, este monopolio litterario não teria o inconveniente dos mercantis. A fidelidade se deve limitar nestes casos ás sentenças, e aos tropos e figuras, *sententiis et figuris*, e quanto ás palavras seguir-se o sentimento do celebre Huet, *quantum fieri possit*, como logo direi.

Para concluir este objecto, citarei as expressoens do illustre Huet no seu excellente *Tratado de Interpretatione*.

*Optimum ergo illum esse dico interpretandi modum, cum auctoris sententiæ primum, deinde*

*ipsis etiam, si ita fert utriusque linguæ facultas, verbis arctissime adhæret interpres, et nativum postremo auctoris characterem, quoad ejus fieri potest, adumbrat; idque unum studet, ut nulla eum detractioe imminutum, nullo additamento auctum, sed integrum, sui que omni ex parte simillimum, perquam fideliter exhibeat. . .*

*Universe ergo verbum de verbo exprimendum, et vocum etiam collocationem retinendam esse pronuncio, modo per linguæ, quâ utitur interpres, facultatem liceat.*

*Hoc itaque generale scitum esto, quod in omni interpretatione versatur, verbum verbo, si fieri possit, referendum esse, nec vocum ordinem temere deserendum.*

Esta clausula *si fieri possit* parece constituir huma das grandes difficuldades das traducçoens. He necessario conhecer exactamente o genio das duas linguas, possuir magistralmente a lingoa para que se traduz, para saber se corresponde huma expressão a outra, e quando isto não acontece, o que se deve substituir. Isto requer demais muito gosto, adquirido pela aturada lição dos classicos, e este será sempre hum escolho para quem aprende a lingua pelo commercio familiar de pessoas pouco instruidas, ou ainda muito ignorantes.

Aquelles, que tem arrogado a authoridade de traduzirem livremente, sem duvida contarão responder victoriosamente a esta Memõ-

ria, que a pequena extensão deste periodico me obriga a limitar a este ligeiro esboço. Todavia ella me parece sufficiente não só para guiar os novos Traductores em execução da sua penosa tarefa, mas até para mostrar que o escarneo, que se faz de huma Traducção bem feita, nasce talvez da impossibilidade de fazer outro tanto.

*Mes écrits sont mauvais, les tiens valent-ils mieux?*

Boileau.

*Continuação das Maximas, Reflexoens, e Pensamentos Moraes de hum Brasileiro.*

The writing in aphorisms hath many excellent virtues, whereto the writing in method doth not approach.

Bacon.

**H**Um homem virtuoso e moral sem principios e sentimentos religiosos seria hum phenomeno singular. Pretendem alguns que os ha, como outros que existe a Phenix.

Os homens nos parecerião mais justos, ou menos injustos, se não exigissemos delles mais do que pôdem, ou devem dar-nos.

Ha homens, que se tornão importunos, dezejando laboriosamente parecer cortezes.

Como a luz em huma masmorra faz visivel todo o seu horror, assim a sabedoria

manifesta ao homem todos os defeitos é imperfeições da sua natureza.

A prudencia he o resultado da consciencia da nossa fraqueza : he hum receio reflexionado dos males futuros pela experiencia dos males preteritos.

He mais facil cumprir certos deveres , que buscar razoens para nos justificar-nos de o não ter feito.

Ordinariamente nos fingimos distrahdos , quando nos não convem parecer attentos.

Ha mais homens devotos , que virtuozos , porque custa menos a ser devoto , que virtuozo.

Os louvores , que damos , são amigos que grangeamos.

Muitos se abstem por acanhados do que outros fazem por virtuosos.

Os vicios e paixoens de huns homens são os elementos da ventura de outros.

Somos em geral demasiadamente prontos para a censura , e demasiadamente tardos para o louvor : o nosso amor proprio parece exaltar-se com a censura , que fazemos , e humilhar-se com o louvor , que damos.

O tempo , que não existe , he geralmente o que mais nos atormenta , ou nos recreia.

A maior dor nas dores , que soffremos , he conhecer que as merecemos.

Quasi sempre attribuímos revezes á fortuna , e bem raras vezes aos nossos desacertos.

Abstenhamo-nos de sondar profundamente o coração dos homens, senão queremos despreza-los, ou aborrece-los.

Ha pessoas, que ganhão muito em ser lidas, e perdem tudo em ser tratadas: escrevem com estudo, e vivem sem elle.

Naturalmente nos alegamos com a morte dos avarentos, como se fomos seus herdeiros, ou legatarios.

Capitulamos quasi sempre com os nossos males, quando os não podemos evitar ou remover.

Nunca perdemos de vista o nosso interesse, ainda mesmo quando nos confessamos desinteressados.

Louvamos encarecidamente o estado, sciencia, ou arte, que professamos, para justificarmos a nossa escolha, e honrarmos a nossa pessoa.

Querendo prevenir males, de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gozando menos do presente do que do futuro.

Ha pessoas tão malignas, que sentem mais o bem alheio do que os males proprios.

Reflectindo cada hum sobre si mesmo, acha sempre com que humilhar o seu amor proprio, e com que satisfaze-lo e consola-lo.

Se fossemos sinceros em dizer o que sentimos e pensamos huns dos outros, em declarar os motivos e fins das nossas acçoens,



seríamos reciprocamente odiosos, e não poderíamos viver em Sociedade.

O Imperio da moda he tão soberano, que a mesma sabedoria se vê forçada a obedecer ás suas leis, apesar da instabilidade da sua legislação.

Quando moços, contamos tantos amigos, quantos conhecidos, porém quando maduros pela experiencia, não achamos hum homem, de cuja probidade femos a execução do nosso testamento.

A censura para não offender deve ser temperada com o louvor: a doçura deste suaviza a acrimonia daquella.

De ordinario fingimos desprezar o que não podemos conseguir.

A razão do homem he como a luz do perylampo, intermittente, e irregular.

---

## P O L I T I C A .

*Na Corte Carlton-House, 29 de Dezembro de 1812, estando S. A. R. o Principe Regente em Conselho.*

**S**endo conveniente prevenir as duvidas ácerca da continuação e effeitos da Ordem do Conselho de 19 de Agosto de 1807, relativa aos navios com bandeira de Mecklemburg,

Oldemburg, Papenburg, e Kniphausen, e da Ordem do Conselho de 25 de Novembro de 1807, relativa aos navios e cargas pertencentes á Prussia e á Lubec; appraz a Sua Alteza Real o Principe Regente, em nome e da parte do Rei, e por parecer do Conselho Privado de S. M. ordenar e declarar, e aqui se ordena e declara que as ditas duas Ordens de Conselho com as respectivas datas de 19 de Agosto de 1807, e 25 de Novembro de 1807, serão consideradas como nullas e de nenhum effeito; bem entendido com tudo que a presente Ordem não será de maneira alguma interpretada como affectando alguma questão pendente perante os Tribunaes relativamente a huma ou outra das ditas Ordens; sobre prezas feitas anteriormente á presente Ordem, que as ditas questões serão julgadas, como se a presente Ordem de Declaração não houvesse sido promulgada.

É os Muito *Honorables* Lords Commissarios da Thesouraria de S. M.; os Principaes Secretarios de Estado de S. M.; os Lords Commissarios do Almirantado, bem como o Juiz do Supremo Conselho do Almirantado, e os Juizes do Conselho do Vice-Almirantado, tomarão as medidas necessarias para este effeito, no que lhes pertencer respectivamente.

*Chetwynd.*

Na Sessão da Camara dos Communs de 7 de Dezembro, em que se tratou de pre-

miar e remunerar o Marquez de Wellington, havendo Lord Castlereagh feito hum eloquente Discurso sobre os singulares merecimentos deste illustre Chefe, e *Sir F. Burdett* (segundo o costume) empenhado as suas forças em oppor-se á moção, Mr. Protheroe, Membro novo da Camara, fez hum breve Discurso, repetido entre applausos, e elogiado muito particularmente por Mr. Canning, que em summa he o seguinte:

Mr. Protheroe (a primeira vez que fallou na Camara) disse que elle não seguiria o Nobre Lord (Castlereagh) nem o Hon. Baronet (Burdett) nas suas exposições militares; mas não podia deixar de dizer que julgava o Hon. Baronet réo de indiscrição em haver culpado falsamente o Marquez de Wellington: fez hum ataque onde não havia brecha. Se o Hon. Baronet houvesse considerado o assumpto com mais deliberação, teria visto que pôde haver hum ardida avançada sem temeridade, e hum acertada retirada sem desdoiro. Elle pensava que a Camara annuiria de bom grado á Mensagem do Principe Regente: Ainda convinhão honras posthumas, e ainda se tributavão ao grande Lord Nelson, como hum estímulo para as acçoens navaes: mas com quanto maior satisfação seriamos nós repassados, se vissemos o Nelson do exercito, o homem, cujo nome, semelhante a aquelle, virá a ser o commum appellido de hum he-

roe, vivendo entre nós, e recolhendo as honras devidas a seus serviços, na munificencia, admiração e affecto dos seus compatriotas? Elle esperava que nenhuma má vontade se metteria a murmurar daquella munificencia, nem a diminuir aquelle admirador affecto. O Hon. Baronet fallou da miseria do paiz. Elle mesmo tinha larga occasião de conhece-la, sentia-a profundamente, e dezejava com toda a ancia allivia-la, tanto quanto aquelles que mais se espraivão em lamenta-la: todavia elle pensava, ácerca daquellas miserias, que havia tempo para fallar dellas, e tempo para callar. E elle estava certo que os interesses commerciaes da Patria serião insultados, se a sua mingoa se antepozesse como hum obstaculo á presente remuneração. A economia, assim publica, como particular, era huma virtude necessaria e distincta, sem embargo ella não podia ser nem mais nobre, nem mais util, do que a generosidade opportuna:

Depois do geral applauso, Mr. Canning accrescentou que elle coincidia particularmente com o que havia dito hum novo Membro (Mr. Protheroe), que mostrou pela profundidade das suas observaçoens a acquisição, que nelle havia ganhado o novo Parlamento. Este excellente Orador accrescenta algumas reflexoens sobre a differença de sentimentos da Inglaterra, tanto á cerca de sua segurança, como das proczas militares antes de Lord Wellington

começar a sua carreira na Peninsula. „ A Patria nunca entreteve a esperanza de lançar os Francezes além do Tejo, ou do Douro. Não se tratava de defender o Tejo, mas o Tamisa. Fortificar nossas costas, e inundar o paiz, julgámos nós então como medidas militares para firmar a nossa segurança. Quão differente he agora a scena! As honras e recompensas conferidas a Lord Wellington, não sómente serão a remuneração devida em gratidão e justiça aos seus eminentes serviços, mas animarão as esperanças aos outros valentes Officiaes, que se estão formando sob os seus auspicios, e debaixo das suas vistas; e dos quaes a Patria pôde esperar huma constante successão de distinctos Generaes. Se dever expirar a sua brilhante carreira, elles seguirão as suas pégadas, e como elles poderão briosamente aspirar á aquellas honras, e recompensas, com as quaes huma Patria agrade-cida renumere distinctos serviços.

---

*Tratado de Paz entre a Inglaterra e a Russia.*

**E**M nome da Santissima e Indivisivel Trindade, S. Magestade o Imperador de todas as Russias, e S. M. El-Rei do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, igualmente animados do desejo de restabelecer as antigas relações de

amizade, e boa intelligencia, entre os dous Reinos respectivos, nomearão para este effeito, como seus Ministros Plenipotenciarios, a saber; S. Magestade o Imperador de todas as Russias, ao Senhor Pedro Suchtelen, Chefe da repartição da Engenharia, General, Membro do Conselho d'Estado, &c., e ao Senhor Paulo, Barão de Nicolai, Gentil-homem da Camara, &c.; e S. Alteza Real o Principe Regente em nome de S. Magestade El-Rei do Reino-Unido da Gran-Bretanha e d'Irlanda, Edwardo Thornton, Escudeiro, Plenipotenciario de S. Magestade Britanica junto ao Rei de Suecia.

Os ditos Plenipotenciarios, depois de haverem trocado seus planos poderes respectivos, em boa e devida fórma, convierão nos artigos seguintes:

I. Haverá entre S. Magestade o Imperador de todas as Russias, e S. Magestade El-Rei do Reino-Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, seus herdeiros e successores, entre seus Reinos e Vassallos respectivos, huma paz solida, verdadeira, e inviolavel, e huma sincera, e perfeita união e amizade, de sorte que deste momento em diante, cessarão todos os motivos de desavenças, que podem ter existido entre elles.

II. As relações de amizade, e de commercio entre os dous paizes, serão restabelecidas de parte a parte, sobre o pé das Naçoens mais favorecidas.

III. Se acaso, resentindo-se do actual restabelecimento de paz e boa intelligencia entre os dous paizes, alguma, e qualquer Potencia, fizer a guerra á S. Magestade Imperial, ou á S. Magestade Britanica, os dous Soberanos contratantes obraráõ em apoio hum do outro, para a conservação e segurança de seus respectivos Reinos.

IV. As duas altas Partes Contratantes reservão a si de se entenderem, e fazerem, logo que for possivel os ajustes convenientes á cerca de tudo quanto pôde dizer respeito aos seus interesses fortuitos, assim politicos como commerciaes.

V. O presente Tratado será ratificado pelas duas altas Partes contratantes, e as ratificaçoens seráõ trocadas no espaço de seis semanas, ou antes, se for possivel.

Em testemunho do que, nós temos assignado, e assignamos o presente, em virtude dos nossos plenos poderes, e lhe havemos applicado os nossos sinetes.

Feito em Orebro a 18 de Julho de 1812.

( Assignados ) *Suchtelen.*

*Paulo Barão de Nicolai.*

*Edward Thornton.*

Depois de haver sufficientemente examinado os artigos do presente Tratado de paz, nós o temos approvado, e por estas presentes o con-

firmamos , e ratificamos solemnemente em todas as suas partes ; promettendo da nossa parte Imperial , por nós , e por nossos successores , d'observar e executar inviolavelmente tudo quanto se acha mencionado e referido no dito Tratado de paz.

Em testemunho do que nós temos assignado por nossa mão esta ratificação Imperial , e lhe havemos feito applicar o Sello do nosso Imperio.

( Assignado ) *Alexandre.*

( Referendado ) *O Conde Romanzow.*

---

## S I C I L I A.

*Artigos estabelecidos em Parlamento , e apresentados ao Soberano para sua sanção.*

Art. I. **A** Religião unica será a Catholica , Apostolica , Romana , com inteira exclusão de qualquer outra ; o Rei professará a mesma , e se algum tempo professar qualquer outra , será *ipso facto* deposto do throno. — *Placet Regis Magistati.*

II. O poder Legislativo residirá exclusivamente no Parlamento. As leis terão vigor depois de sancionadas por Sua Magestade. Todos os tributos , &c. , impostos , de qualquer natureza , serão fixados pelo Parlamento só ; e deverão tambem ser sancionados por Sua Ma-



gestade. A forma será *veto*, ou *placet*, tendo o Rei em seu poder admitti-los, ou engeita-los sem qual ficção.—*Placet Regis Magestati.*

III. O poder Executivo residirá na pessoa do Rei.—*Placet Regis Magestati.*

IV. O poder judiciario será distincto e independente dos poderes Executivo e Legislativo, e administrado por hum corpo de Juizes e Magistrados. Estes serão processados, punidos, e depostos dos seus lugares por sentença da Camara dos Pares, depois de haver passado pela Camara dos Communs, como determina a Constituição da Gran-Bretanha, e se explicará amplamente no artigo da Magistratura.—*Placet Regis Magestati.*

V. A pessoa do Rei será sempre sagrada e inviolavel.—*Placet Regis Magestati.*

VI. Os Ministros do Rei e outras pessoas empregadas no Governo, serão sujeitas ao exame, e syndicatura do Parlamento; e pelo mesmo serão accusados, processados, e condemnados, ainda que sejão Reos de lesa Constituição, e da observancia das Leis, ou de alguns outros altos crimes, no exercicio de suas funções.—*Placet Regis Magestati.*

VII. O Parlamento será composto de duas Camaras, huma que se chamará os Communs ou Representantes do Povo, assim proprietarios como vassallos, sob as condiçoens e formas, que estebeleer o Parlamento, nos seus subsequentes actos sobre este artigo; a outra se-

rá chamada os Pares , será composta de todos os actuaes ecclesiasticos , e seus successores , e dos presentes possuidores de fundos , que tem agora assento e voto nos ramos ecclesiastico e militar , igualmente de outros , que daqui em diante forem nomeados por Sua Magestade , segundo as condiçoens e limitaçoens , que o Parlamento ha de fixar no artigo , em que se explicar este ponto. — *Placet Regis Magestati.*

VIII. Os Baroens terão , como Pares , hum só voto individualmente , deixando a multiplicidade de votos relativamente ao numero de sua população. O Chanceller do Reino apresentará huma lista dos actuaes Baroens , e Ecclesiasticos para ser inserida nos actos do Parlamento. — *Placet Regis Magestati.*

IX. O Rei gozará da prerogativa de convocar , prorogar , ou dissolver o Parlamento , segundo as fórmãs e instituiçoens , que depois se estabelecerem. Todavia Sua Magestade será obrigado a convoca-lo todos os annos. — *Placet Regis Magestati.*

X. A nação , havendo de fixar os subsidios necessarios ao Estado , considerará do seu dever positivo fixar pela lista civil as sommas necessarias ao esplendor , independencia , e manutenção do Seu Augusto Soberano e Real Familia , com a mais generosa extensão , que permittir o actual estado das finanças do Reino , em consequencia da qual disposiçãõ , a nação tomará sobre si o manejo e administração dos

fundos nacionaes, incluidos todos aquelles, que até agora tem sido considerados como direitos fiscaes, e rendas de terras, que serão pagas ao Ministro da Fazenda, para os fins estabelecidos pelo Parlamento. Quanto ás pessoas, systema, e meios, porque os ditos fundos devem ser cobrados e dispostos, fica para fixar-se na explicação deste artigo. — *Vetat Regia Magestas.*

XI. Nenhum Siciliano será prezo, desterrado, e castigado de outra sorte, ou perturbado na posse dos seus direitos, ou propriedade, senão em conformidade do novoCodigo de Leis, que o Parlamento estabelecer, e por meio, ordens, e sentenças dos Magistrados ordinarios, naquellas formas, e com aquellas cautelas para a publica segurança, que o Parlamento assignar. Os Pares gozarão das mesmas fórmás judiciaes da Inglaterra, como depois se explicará. — *Placet Regis Magestati.*

XII. Com aquelle desinteresse, que a classe militar tem sempre mostrado, votou e concluiu — e o Parlamento estabeleceu — que será abolido o systema Feudal, e todas as terras serão possuidas na Sicilia como *allodiaes*, ou estados livres, conservando todavia a ordem de successão nas respectivas familias, que actualmentemente as possuem. Cessará igualmente a jurisdicção dos Baroens, e portanto os Baroens serão isentos de todos os onus, que até agora estavam sujeitos pelos ditos direitos feudaes. Abo-

lir-se-hão também as Investiduras, Relevos (*Rilevi*), Fintas á Coroa (*devoluzioni al Fisco*); e todos os outros onus quaesquer inherentes ao systema feudal, conservando com tudo cada familia os seus titulos e honras. — *Placet Regis Magestati.*

XIII. Concordão similhantemente em estabelecer que os direitos chamados *Angarici* (privilegios e isenções de alcavalas) serão abolidos, logo que a comunidade em geral, ou individual, sujeita a elles, indemnisar os actuaes proprietarios; calculando o capital, ou no embolço de vinte annos do producto da taxa existente no periodo da liquidação; ou em falta disto, avaliando-o pelos livros das respectivas freguezias; bem entendido que os possuidores de terras de qualquer natureza, conservarão o mesmo poder e os mesmos direitos como dantes, em quanto respeita á cobrança de dividas, ou rendas, e isto da mesma maneira e fórma, com que até agora os tem gozado. ( Sua Magestade reserva para si dar a Sua Real sanção ao artigo acima, quando houver recebido a necessaria informação a seu respeito. )

XIV. A Classe militar accorda igualmente á suggestão dos Communs, que todas as propostas relativas a subsidios, procedão exclusivamente da Camara dos Communs, e alli se concluão, e d'alli passem á dos Pares, onde sómente se approvarão, ou regeitarão, sem a menor alteração. Determina-se também que todas

as propostas respectivas a artigos de legislação e qualquer outro assumpto qualquer, se poderão mover em qualquer das Camaras indifferentemente, deixando á outra o poder de engeita-la. — *Placet Regis Magestati.*

XV. Quanto aos outros principios, e disposições da sobredita constituição Ingleza, o Parlamento declarará quaes se hão de admitir, quaes engeitar, e quaes modificar, segundo a differença de circumstancias das duas nações. Pelo que declara que de bom grado receberá quaesquer projectos que os seus Membros fizerem para a conveniente applicação da Constituição Ingleza ao Reino da Sicilia, a fim de escolher o que julgarem mais accommodado á gloria de Sua Magestade, e á felicidade do povo Siciliano. ( Sua Magestade, quando lhe forem apresentados estes artigos, determinará quaes merecem a sua Real sanctão.)

---

*Os seguintes são os principaes dos 16 artigos do Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Sublime Porta.*

Art. IV. **C**onforme o primeiro artigo dos Preliminares, concorda-se que o rio Pruth desde a sua entrada na Moldavia, até a sua

união com o Danubio, e a margem esquerda do Danubio, desde essa união até á foz do Kili, e d'alli até o mar, formem os limites dos dois Imperios; sendo a foz do dito rio de uso commun. As pequenas ilhas, que antes da guerra erão deshabitadas, que jazem perto da margem esquerda do Danubio, ficarão inhabitadas; nem se poderá levantar fortificação alguma nas ditas ilhas.

Pela outra parte, a Porta Ottomana deixa á Russia todas as Provincias, Fortalezas Cidades, etc., que ficão sobre a margem esquerda do Pruth; e o meio canal deste rio será o limite entre os dois Imperios. As embarcações mercantis de ambas as nações poderão navegar toda a corrente do Danubio; mas os navios de guerra Russos não passarão da entrada do Pruth.

V. S. I. M. Russa, restitue á Porta Ottomana o territorio de Moldavia, na margem direita do Pruth, bem como a Vallachia maior e a menor. Os habitantès destas Provincias serão livres de todas as contribuições por espaço de dois annos, e estas se fixarão conforme os actuaes impostos da Moldavia.

VI. Os limites da parte da Asia se fixarão perfeitamente; como estava antes do rompimento da guerra.

XI. As tropas Russianas deixarão as Provincias, Fortalezas, e Cidades restituídas dentro de tres mezes da ratificação do Tratado.

e até expirar aquelle termo, serão como até aqui suppridas de todo o necessario.

XII. As duas Altas Potencias Contratantes promettem guardar os Tratados de Commercio em vigor.

XIII. A Porta Ottomana promette a sua mediação com a Potencia Persa para a restauração da Paz com a Russia.

XIV. Os actos de hostilidade, que se fizerem depois da ratificação, se considerarão como nullos.

XV. e XVI. Dizem respeito á ratificação deste Tratado de Paz.

---

## S T A T I S T I C A.

*Noticia da População, Commercio, e Agricultura da Capitania de Goyaz.*

**E**sta Capitania contém 14 julgados, que são Villa-boua, Crixaz, Pilar, Trahiras, Meia Ponte, S. Luzia, S. Cruz, Desemboque, Cavalcante, S. Felis, Arraias, Conceição, Natividade, Carmo.

O primeiro he a capital; os setes seguintes são chamados do Sul, e os outros

do Norte. A repartição do Sul comprehendia, em 1808, 9350 fogos, e a do Norte 3172.

A sua população era a seguinte

	<i>Branços.</i>		<i>Mulatos.</i>	
	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
Villa e termo	610	609	1208	1603
Os 7 julgados do S.	2328	2367	3837	4116
Ditos do N.	570	466	2323	2365
<b>Soma</b>	<b>3508</b>	<b>3442</b>	<b>7368</b>	<b>8084</b>

	<i>Pretos.</i>		<i>Cativos.</i>	
	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
Villa e termo	413	599	2637	1795
Os 7 julgados do S.	1649	2409	6237	3982
Ditos do N.	1146	1720	3220	2156
<b>Soma</b>	<b>3208</b>	<b>4728</b>	<b>12094</b>	<b>7933</b>

	Livres	Escravos	Total
Villa e termo	5042	4432	9474
Julgados do Sul	16706	10219	26925
Ditos do N.	8590	5376	13966
<b>Soma</b>	<b>30338</b>	<b>20027</b>	<b>50365.</b>

No anno de 1809 se acha exactamente o mesmo numero de brancos e 20:057 escravos.



## C O M M E R C I O.

*Importação.*

133	Almudes de Vinho
2696	Peças de pano de linho
1359	Ditas de lan
3396	Peças de algodão
1289	Covados de Seda
77	ar. de polvora
166 $\frac{1}{2}$	ar. de Chumbo
4153	alqueires de sal
189	ar. de ferro
113	ditas de aço
163	Resmas de papel
30	ar. de bacalhau
31	caixas de louça
804	peças de ferragem
2648	chapeos
49	escravos
1327	bestas

Valor em dinheiro

137:109 $\phi$ 414*Praças.*

Rio de Janeiro	51:679 $\phi$ 091
Bahia	46:545 $\phi$ 369
S. Paulo	26:550 $\phi$ 797
Pará	10:326 $\phi$ 100
Rio de S. Francisco	2:008 $\phi$ 057

## A G R I C U L T U R A.

*Tabella Estatistica remettida ao Conselho Ultramarino em 1806.*

<i>Gêneros</i>	<i>Quantidades</i>	<i>Valor total</i>
Algodão	3874 ar.	2:957\$000
Assucar	6099	11:999\$400
Fumo	1800	3:130\$800
Couros	11622	4:070\$700
Caffé	212 ar.	528\$000
Tanados	1654	1:320\$000
Trigo	214 al.	1:027\$200
Agoa ardente	1575 alm.	3:981\$600
Gado	15358	33:288\$900
Marmeladas	200 ar.	960\$000
Carnes de porco	3332 ar.	5:979\$600
Arroz	5068 alq.	3:955\$200
Oiro de lavras	87:290 oit.	104:748\$000
Soma		177:946\$400

*O Governo de S. Catharina comprehende nove districtos, a saber.*

**V**illa do Desterro, Ribeirão, Freguezia da Lagoa, N. S. das Necessidades, S Miguel, S. José, Enseada e Garupapa, Laguna e Villa Nova, Rio de S. Francisco.

A sua população em 1810 era

<i>Branços</i>		<i>Mulatos e Pretos</i>		<i>Escravos.</i>	
Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
11173	12507	293	358	4633	2570

Total da população 30339.

## N A V E G A Ç Ã O.

Entrarão, 1 Galera, 28 Bergantins, 60 Sumacas, 2 Penques, 26 Lanchas, 8 Hyates. — Soma 126.

Sahirão, 1 Galera, 29 Berg., 56 Sum., 2 Penq. 24 Lan., 8 Hy. — Soma 118

*Produçõens da Ilha de S. Catharina, comprehendendo as Villas de Laguna e Rio de São Francisco, seu consummo, e exportação em 1810.*

<i>Generos</i>	<i>Produc.</i>	<i>Cons.</i>	<i>Export.</i>
Farinha	243659 alq.	172172	71487
Fejão	12212	5340	6872
Milho	5643	3941	1702
Favas	129	84	45
Trigo	3613	1820	1793
Cevada	27	16 $\frac{1}{2}$	10 $\frac{1}{2}$
Mendobim	488 $\frac{1}{2}$	248 $\frac{1}{2}$	240
Melado	8115 med.	708	7407

<i>Generos</i>	<i>Produc.</i>	<i>Cons.</i>	<i>Export.</i>
Gravatá	165 ar.	36	129
Peixe salgado	5245	1079	4166
Dito	11953 milh.	6914	5039
Betes de Imbé gr.	233 duz.	12	221
Ditas pequenas	341 $\frac{1}{2}$	3 $\frac{1}{2}$	338
Sebolas	113741 rest.	4529	109212
Alhos	14946	5292	9654
Avaliação da Produccão		299954	cruzados
Consumo		170680	
Exportação		129274	

*Noticias Estatisticas acerca da Capitania de S. Paulo em 1811, extrahidas do Mappa Official.*

**A** Capitania de S. Paulo se divide em tres Commarcas, a saber I. Commarca da Cidade de S. Paulo, II. de Paranaguá, e III. de Ytú.

A Commarca de S. Paulo comprehende a Cidade deste nome, e 16 Villas, que são a de S. Vicente, Santos, Itanhaé, Mogy das Cruzes, Parnahiba, S. Sebastião, Ubatuba, Taubaté, Guaratinguitá, Jacarehy, Jundiahy, Pindamunhangaba, S. José, Alhibaia, Paraitinga, Cunha, Lorena, Nová Bragança, Villa da Princeza: das quaes a I, II, III, VI, VII, e ultima são maritimas.

Na Cidade ha 11 Freguezias, nas Villas de Alhibaia, e Itanhaé 2, em Mogy das Cruzes, e em Lorena 3, em Parnahiba 4, e em cada huma das outras 1; ao todo 39.

Na Commarca de Paranaguá se comprehendem 9 Villas, a saber, Coritiba, Paranaguá, Cananea, Iguape, Guaratuba, Lagos, Castro, Antonina, Villa Nova do Principe; a primeira e quarta com duas Freguezias, e as outras a 1, o que faz ao todo 11. As Villas II, III, IV, V, e VIII são maritimas.

A Commarca de Ytú contém 8 Villas. Ytú, Sorocaba, S. Carlos, Mogy Merim, Porto feliz, Itapeninga, Itapera, Apiahy. Mogy Merim tem 3 freguezias; Porto feliz, e Itapeninga 2, e as máis a huma, o que faz o numero de 12.

Resumo total, 1 Cidade, 36 Villas, 62 Freguezias.

A Cidade de S. Paulo contém 4017 fogos, 5298 brancos, e 6319 brancas; 377 pretos, e 485 pretas livres; 1967 pretos, e 1914 pretas cativas; 2394 mulatos, 3279 mulatas livres; 745 dos primeiros e 896 das segundas, cativos; o que faz ao todo huma população de 23764. No anno de 1811 nascerão 1301, morrerão 785; e houverão 233 cazamentos.

A Villa de Sorocaba tem a primazia em população; porque contém 1777 fogos, e 10181 moradores; dos quaes mais de dois terços são brancos, o que se verifica em bem poucas par-

tes, e nesta Capitania só nas Villas de Taubaté, e Mogy merim.

A Villa de Coritiba tambem he notavel, porque contém 9916 almas, a de Mogy merim 9045.

Para dar huma idéa resumida da população desta Capitania, consideraremos as tres Comarcas na ordem, em que as havemos descrito.

	<i>Branços</i>	<i>Pretos</i>	<i>Mulatos</i>
S. Paulo.	30218	1098 l. 11375 c.	11297 l. 3104 c.
Paranaguá.	3904	449 l. 2344 c.	4143 l. 1136 c.
Ytú	<i>Branços</i> 11276	<i>Pretos</i> 357 l. 5856 c.	<i>Mulatos</i> 5461 l. 902 c.
S. Paulo.	<i>Branças</i> 33694	<i>Pretas</i> 1162 l. 9063 c.	<i>Mulatas</i> 13894 l. 3439 c.
Paranaguá	9436	480 l. 2153 c.	4688 l. 1287 c.
Ytú.	12436	353 l. 3888 c.	5680 l. 915 c.
S. Paulo tem Paranaguá			19834 fogos 5862

Ytú	<i>Mulatos</i> 743 <sup>1</sup>
Total	<hr/> 33 <sup>1</sup> 27

*Total da População.*

Comarcas.	<i>Branços</i>	
	Homens	Mulheres
S. Paulo (1)	30218	33694
Paranaguá (2)	8904	9436
Ytu (3)	11276	12436
Total.	<hr/> 50398	<hr/> 55566

	<i>Pretos</i>	
	Homens	Mulheres
	Livres	
(1)	1098	1162
(2)	449	480
(3)	357	353
Total	<hr/> 1904	<hr/> 1995

	<i>Cativos</i>	
(1)	11375	9063
(2)	2344	2153
(3)	5856	3888
	<hr/> 19575	<hr/> 15104

	<i>Mulatos</i>	
	Homens	Mulheres
	Livres	
(1)	11297	13894
(2)	4143	4688
(3)	5461	5680
	<hr/>	<hr/>
	20901	24262

	Cativos	
(1)	3104	3439
(2)	1136	1207
(3)	902	915
	<hr/>	<hr/>
	5142	5561

*Resumo.*

	Homens	Mulheres
	Livres	
Branços	50398	55566
Pretos	1904	1995
Mulatos	20901	24262
	<hr/>	<hr/>
Soma	73203	81823
	Cativos	
Pretos	19575	15104
Mulatos	5142	5561
	<hr/>	<hr/>
	24717	20665



Total 97920 homens , 102488 mulheres , ou  
200408 almas.

Nascimentos	8916
Mortandade	4498
	<hr/>
Differença a favor da população	4418
Casamentos	2543

*Noticia sobre a compra e remessa do marfim de  
Angola , extrahida de Documentos Officiaes.*

**H**A tres sortes de marfim.

Marfim de lei he de 32 libras por diante , e paga-se a 260 reis a libra.

Marfim meão he de 16 a 31  $\frac{1}{2}$  , e he pago a 160 reis por libra.

Marfim miudo he de 1 libra a 15  $\frac{1}{2}$  , e he pago a 80 reis a libra.

Todo o marfim rachado perde o valor da sua classe , e desce á immediata.

Existião na Capital de S. Paulo de Assumpção , e na de S. Felippe de Benguella , no primeiro de Janeiro de 1810 , segundo contas officiaes , que temos consultado.

10395 Pont. de lei com	65057 $\frac{1}{2}$ lb.	16:9140950
653 ditas meão	150583	2:4930280
10446 ditas miudo	130223 $\frac{1}{2}$	1:0570880
2 ditas rachadas	17	00680
	<hr/>	<hr/>
30496	930881	R. 20:4660790

N. B. As ditas 938881 lib. de marfim que chegava em Lisboa ao preço de 800 reis por libra surtido, produzião 75:1048800 reis.

Impôrta a remessa do marfim desde 1774 até o fim de 1808 em 114.7488970 reis; que dão a remessa media 28:5838307.

## M I S C E L L A N E A.

### *Litteratura na Russia.*

**H**UM esboço da Litteratura da Russia de 1801 a 1805, que ha pouco se publicou, nos informa que o numero de Obras publicadas dentro deste periodo de 5 annos he 1304; das quaes 756 são composições originaes, e 548 traduções. Estas são de originaes em Grego, Latim, Francez, Allemão, Inglez, Italiano, Sueco, Polaco, e Georgiano. O numero de Obras traduzidas do Francez he o mais consideravel; sóbe a 262; o das Allemãs não passa de 198. De Theologia sahirão 213 obras; e de Philosophia só 22; novelas 210. Os authores Russos existentes são 349; e ha 742 obras anonymas.

( *Panorama.* )

*Nova Ilha.*

**O** Navio Camarthen da Hon. Companhia, na sua viagem de Porto Luiz para Bombaim, no principio da monção, passando ao Sul de Sychelles, encontrou huma pequena ilha raza, que elle pensa nunca ter sido vista mais que huma vez antes d'elle (por hum capitão Inverarity), e não vem apontada em alguma carta ou roteiro, salvo hum ha pouco publicado. Ella he muito perigosa, porque fica a meio canal, tem arvores em cada extremidade juntas por hum banco de arêa, com arrebentação á roda até huma grande altura.

Esta ilha corre de NE-SO; he de 6 ou 7 milhas de comprido, e 1 ou 2 de largo; lat.  $7^{\circ} 7'$  S. long.  $53^{\circ} 5'$  E de Greenwich.

O fogacho sobre o Trident, ou Whittle Rock, na bahia falsa, Cabo da Boa Esperança, desapareceu na tempestade de 10 de Junho.

*Novo Pharol no Clyde (rio de Escossia). Glasgow 7 de Setembro.*

*Noticia aos Maritimos.*

**O**S encarregados de executar hum Decreto (Acto) do Parlamento para a navegação do estreito e rio de Clyde mais segura e mais commoda, levantarão hum pharol na ponta de Toward, lugar baixo penhascoso, junto da entra-

da da Bahia de Rothesaes, da parte d'Oest do estreito; o qual começará a ser allumiado no primeiro de Novembro ( de 1812 ). Entrando no Canal, elle demora a respeito do pharol de Cumray ao NNE  $\frac{1}{2}$  E da agulha em  $9\frac{1}{2}$  milhas de distancia. Para distinguir o pharol de Toward do outro do estreito, elle he construido de sorte que se revolve horisontalmente, offerecendo alternadamente huma luz brilhante e escura, em todas as direcções, excepto da parte do NE; onde he totalmente escuro, para evitar ser visto dos rochedos chamados Captains Bridge's, da parte de Inellan, e o Gantock, de Denoon; de maneira que os navios, que navegarem ao longo da praia para o N. daquella luz, tendo cuidado de conserva-la á vista, evitarão todo o perigo d'quelles rochedos.

( *Panorama* ).

---

## NECROLOGIA.

A Philosophia natural perdeu hum illustre Professor em Mr. Guilherme Antonio de Luc, de idade de 85 annos, irmão do Author das „ Indagações sobre a modificação da athmosfera. „ Nos seus ultimos dias foi tão predominante a sua paixáo pela Musica, que tinha hum piano ao lado do leito, no qual sua filha tocava grande parte do dia. Na noi-

te da sua morte, vendo a filha que elle adorava, lhe perguntou “ Toco mais? — Continua a tocar, respondeu elle, continua a tocar. — Dormio; para nunca mais acordar. Mr. Deluc examinou alguns paizes volcanicos, donde trouxe escolhidas amostras das suas producções, em que o seu Gabinete era o mais rico da Europa.

Morrerão em *Londres* no mez de Julho dois illustres Prelados da Igreja *Gallicana*, Mr. *Malide*, Bispo de *Montpellier*, e Mr. *Gain de Montagnac*, Bispo de *Tarbes*. Elles erão d'aquelles poucos Bispos respeitaveis, que persistirão fieis ao seu Deus, e ao seu Rei, e preferirão huma honrada indigencia a todas as riquezas e vaidades mundanas, que hum tyrranno pode dar.

Heyne, celebre escritor classico, morreu em *Goltingor*, de 83 annos de idade: conservou até o fim todo o seu ardor litterario, e muitas pessoas tem cartas delle em *Allemao* e *Latim*, datadas na vespera da sua morte.

O Professor *Weldnow*, celebre Botanico, morreu em *Berlin* a 10 de Julho.

Mr. *Pierre Petro-Perdriau*, que foi Consul Geral da *França* no *Levante*, morreu em *Pariz* a 5 de Julho, de idade de 91 annos: a sua carreira diplomatica foi principalmente notavel pelo zelo de proteger a *Religião Christã*. Elle conseguiu dos *Turcos* licença ( cousa muito rara ) para edificar huma Igreja em

Smyrna, e alcançou que o Pachá protegesse os Catholicos. O Papa Ganganelli lhe dirigio nesta occasião hum breve de parabens; com a insignia de huma das Ordens de Sua Santidade. Morreu de repente, escrevendo.

*N. B.* No N. 2.<sup>o</sup> pag. 7 linhas 9 em lugar de maxima lea-se minima.

## Continuação do Estado da atmosfera.

Dia	Ther. Graos	Bar.			Tempo
		Pol.	Vint.	Mil.	
26	80	29	17	18	trovada e chuva
27	78	29	16	30	pezado e chuva
28	81	29	16	20	claro

## Março.

1	82	29	17	6	claro
2	82		16	34	dito
3	83		17	34	
4	85		17	20	
5	89		17	12	
6	84		16	4	
7	85		16	14	
8	85		16	12	
9	82		16	12	chuvoso
10	76		18	20	dito
11	77		16	12	medio
12	81 $\frac{1}{2}$		16	32	chuvoso
13	79		16	46	dito
14	76		16	34	dito
15	75		16	20	denso
16	77		16	34	dito
17	77		16	28	claro
18	77		17	8	dito
19	82		17	12	dito
20	81		17	10	chuvoso

<i>Dia</i>	<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo</i>
		<i>Graos</i>	<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	
21	77	29	16	16	claro
22	77		16	20	dito
23	80		8	17	trovoada
24	80		14	16	claro
25	77		14	16	dito
26	77		24	16	chuva
27	78		26	16 $\frac{1}{2}$	dito



*Obra publicuda nesta Corte no presente mez.*

**E**Logio Historico do Serenissimo Senhor D. PEDRO CARLOS DE BÚRBON E BRAGANÇA, Almirante General da Armada Real Portugueza. Composto e dedicado ao Principe N. S. o Senhor D. JOÃO, Principe Regente de Portugal e das Conquistas, por Joaquim da Nobrega Cão e Aboim, Prelado Patriarchal e Decano da Capella Real do Rio de Janeiro. Impresso na mesma *Capital da America*.

O objecto desta Obra faz o seu interesse. O A. narra algumas circumstancias da vida do Seu Heroe, como testemunha ocular, e a sua exposiçãõ he sincera. Accrescenta huma Elegia á morte do mesmo Senhor, longe do estilo de Tibullo e de Ovidio. Quanto á versificação, darei para exemplo este terceto.

Mas tu, dura etiqueta, tu condemnas  
Quanto inspira a suave humanidade,  
Sem alterar as condiçoens terrenas.

O merecimento Poetico desta Elegia, segundo posso ajuizar, he igual ao de huma Ode Pindarica, que o mesmo Poeta fez aos annos de S. A. R., impressa em Lisboa no anno de 1801, que tem por titulo *Jonio em Lisboa*. Como esta Obra anda entre as mãos de todos, escuso accrescentar cousa alguma ao conceito, que o Publico tem já formado dos talentos Poeticos do Author.

## I N D I C E.

## M E D I C I N A.

*Resposta, que deu o Doutor Antonio Joaquim de Medeiros ao Programma da Camara desta Cidade, que vem no N.º 1.º pag. 58.* pag. 3

## B O T A N I C A

*Relação das Plantas exotics e de especiarías, cultivadas no Real Jardim da Lagoa de Freitas, e transportadas da Ilha de França, pelo Chefe de Divisão Luiz d'Abreu.* 19

---

*Memoria sobre a abertura de huma estrada de communicação, entre a Capitania de Santa Catharina e a Villa de Lagens, e estabelecimento de huma Freguezia no Serião da terra firme da mesma Capitania. Por Silvestre José dos Passos.* 23

*Memoria sobre as novas fornalhas para cozer o assucar com o bagaço, inventadas pelo Doutor Manoel Jacinto de Almeida. Por Fr. Archungelo de Ancona, Missionario Apostolico.* 32

## A G R I C U L T U R A .

<i>Memoria sobre o Algodoeiro continuada do N.º 1.º pag. 34.</i>	39
--	----

## H I S T O R I A .

<i>Continuação da Viagem ao Sertão de Benguella.</i>	49
--	----

## L I T T E R A T U R A .

<i>Ode.</i>	61
<i>Dithyrambo de Diniz.</i>	64
<i>Ode Anacreontica do mesmo.</i>	67
<i>Discurso sobre a Tradução.</i>	69
<i>Maximas, Pensamentos etc., de hum Brasileiro.</i>	78

## P O L I T I C A .

<i>Ordem do Conselho de 29 de Dezembro de 1812, revogando as de 19 de Agosto, e 25 de Novembro de 1807.</i>	81
<i>Discurso de Mr. Protheroe em elogio de Lord Wellington.</i>	82
<i>Tratado de Paz entre a Inglaterra e a Russia.</i>	85
<i>Artigos estabelecidos no Parlamento da Sicilia, e apresentados ao Soberano para sua sancção.</i>	88
<i>Os principaes dos 16 artigos do Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Subli-Porta.</i>	93

## S T A T I S T I C A .

<i>Noticia da População, Commercio, e Agricultura da Capitania de Goyaz.</i>	95
<i>População, Navegação, Produções, etc., da Ilha de S. Catharina.</i>	98
<i>Noticias Estatisticas acerca da Capitania de S. Paulo em 1811, extrahidas do Mappa Official.</i>	100
<i>Noticia sobre a compra e remessa do marfim de Angola, extrahida de Documentos Officiaes.</i>	105
<i>Miscellanea.</i>	106
<i>Necrologia.</i>	108
<i>Continuação do Estado da athmosfera do mez de Fevereiro, e o de Março.</i>	111
<i>Obra publicada nesta Corte.</i>	113



